

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE HISTÓRIA**

**CARLOS ROBERTO DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DE JOANA ROSA DOS SANTOS:  
UMA PROFESSORA NEGRA NA DÉCADA DE 1940 NO BALNEÁRIO RINCÃO**

**CRICIÚMA**

**2013**

**CARLOS ROBERTO DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DE JOANA ROSA DOS SANTOS:  
UMA PROFESSORA NEGRA NA DÉCADA DE 1940 NO BALNEÁRIO RINCÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Lucy Cristina Ostetto

**CRICIÚMA**

**2013**

**CARLOS ROBERTO DOS SANTOS**

**MEMÓRIAS DE JOANA ROSA DOS SANTOS:  
UMA PROFESSORA NEGRA NA DÉCADA DE 1940 NO BALNEÁRIO RINCÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Local e Regional.

Criciúma, 11 de dezembro de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup>. Lucy Cristina Ostetto - Mestra - UNESC - Orientadora

Prof. Paulo Sergio Osório – Mestre - UNESC

Juliana de Souza Krauss – Mestra - UDESC

**Para Luciene minha querida esposa, minha  
mãe Catarina e aos meus filhos Priscilla e  
Carlos Junior, bem como a todos que me  
incentivaram e me apoiaram.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Deus sempiterno pelo auxílio, força, saúde, perseverança e orientação no decorrer de toda a minha vida por esta vitória tão valiosa aos meus 50 anos de idade.

A minha esposa pela compreensão, incentivo, apoio e oração durante toda essa trajetória.

A minha filha que por vezes seguidas me incentivou acreditando que eu iria conseguir e chegaria vitorioso no final.

A minha orientadora Lucy Cristina Ostetto, por aceitar a difícil tarefa de me orientar, e por ser também uma admiradora segundo ela, da minha pessoa, pela minha garra, dedicação e perseverança. E por muitas vezes ouvir dos seus próprios lábios a seguinte frase: “o Carlos consegue fazer do limão uma limonada”. O meu muito obrigado!

Agradeço a minha amiga Liane Carvalho, minha colega de carteira, que assim como eu encontrava algumas dificuldades e juntos dirimíamos as dúvidas.

Agradeço ao Diogo Zomer Perin, por inúmeros incentivos e socorro quando precisei.

Agradeço ao Diego Moser, esse dinamarquês de Turvo pelas cooperações.

Agradeço aos caros colegas por me suportarem com os meus adendos e apartes.

Agradeço a família da Léia por conceder-me a honra de falar da pessoa ilustre que foi a professora Joana Rosa dos Santos.

Agradeço a UNESCO, na pessoa do seu reitor Gildo Volpato.

Agradeço ao departamento de Historia nas pessoas dos coordenadores, alternados Dr. João Henrique Zanelatto e Me. Paulo Sergio Osório, os quais me apoiaram desde o primeiro dia de aula no bloco T.

Agradeço a Rosélia Tertuliano pela força e incentivo, quando, segundo ela, viu em mim alguém com potencial.

Agradeço a todos os que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

**“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.”**

**Ecléa Bosi**

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as memórias da professora Joana Rosa dos Santos: Uma professora negra na década de 1940 no Balneário Rincão. Tendo como enfoque o movimento negro, a identidade negra e significância de professoras negras. Levantando assim questões pertinentes ao afro descendente. Iremos assim focar a visibilidade de uma professora negra em meio às dificuldades enfrentadas por conta de inúmeros obstáculos. Contribuindo, desta forma, como mais uma ferramenta para a historiografia catarinense, onde as fontes e escritos acerca das negras e suas contribuições ainda continuam como assunto tão caros.

**Palavras-chave:** Movimento Negro. Identidade. Professora Negra. Memória.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Documento de contratação de Joana Rosa dos Santos pela Prefeitura de Criciúma. ....	33
Figura 2: Remoção de escola da professora Joana Rosa dos Santos. ....	34
Figura 3: Concessão de Licença Prêmio para a professora Joana Rosa dos Santos. ....	35
Figura 4: Concessão de Aposentadoria para a professora Joana Rosa dos Santos.	36
Figura 5: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	39
Figura 6: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	40
Figura 7: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	41
Figura 8: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	42
Figura 9: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	43
Figura 10: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	44
Figura 11: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	45
Figura 12: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos. ....	46



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>2</b>
<b>2 DAS VOZES, NEGRAS</b> .....	<b>11</b>
2.1 O NEGRO EM MOVIMENTO.....	11
2.2 MOVIMENTO NEGRO: FORMAS E RESISTÊNCIAS.....	16
2.3 IDENTIDADE NEGRA NO SÉCULO XX: ALGUMAS REFLEXÕES.....	23
2.4 PROFESSORAS NEGRAS EM SANTA CATARINA: VISIBILIDADE E CONTRIBUIÇÕES.....	26
<b>3. JOANA ROSA DOS SANTOS</b> .....	<b>31</b>
3.1 QUEM É JOANA ROSA DOS SANTOS.....	31
3.2 A CADERNETA COMO REGISTRO DE SUAS MEMÓRIAS.....	37
<b>3.1.1 Lembranças dos filhos</b> .....	<b>47</b>
<b>7 CONCLUSÃO</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>55</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Passados apenas meio século da abolição da escravatura, como constituir-se mulher negra e professora no sul de Santa Catarina na década de 1940?

O Balneário Rincão, segundo o IBGE, fica localizado no sul de Santa Catarina, a 186 km de Florianópolis, capital do Estado e a 16 km do Município de Içara.

Este trabalho tem por objetivo demonstrar a importância da docência exercida por uma professora negra na década de 1940, através da memória.

Desconstruir o estereótipo estigmatizado imposto ao negro durante séculos, negando assim sua visibilidade e identidade. Buscando assim contribuir com mais um instrumento de pesquisa na historiografia catarinense.

Pesquisar acerca da professora Joana Rosa dos Santos traz para mim uma alegria muito grande, pois como negro sei das dificuldades por mim vividas e quantas discriminações sofridas.

Conquanto dar visibilidade a essa mulher negra através das suas memórias, que mediante a educação pôde desconstruir o estereótipo de que mulher negra deveria ser doméstica e exercer outros trabalhos “cabíveis aos negros”.

Formou-se professora porque viu na educação a possibilidade de ascensão social. Assim sendo, através da educação e das paupérrimas políticas públicas, são encontradas visibilidades e ascensão social à população afro-descendente.

Dar visibilidade ao negro (a) é um projeto ainda distante da sua realização, em pleno século XXI, ainda se tem pouca documentação, ainda se tem poucas publicações.

O magistério tem sido a ferramenta de mudanças gradativas na vida de muitos. Pensando assim a biografia da professora Joana Rosa dos Santos, como educadora negra no sul de Santa Catarina, contribui para dar visibilidade a esse gênero.

A metodologia utilizada como norteadora para essa pesquisa oral foi o Manual da História Oral, de José Carlos Sebe Bom Meihy<sup>1</sup>. Onde a memória é

---

<sup>1</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

disposta em quatro categorias, quais sejam: classe social, etnia, gênero e circunstância histórica.

Fontes teóricas são várias: Abdias Nascimento<sup>2</sup> aborda a questão racial em seu discurso no Congresso Nacional. Ilka Boa Ventura<sup>3</sup>, aborda o negro no sul de Santa Catarina.

Outros conceitos a serem abordados são Memória e Educação, onde a pesquisa foi documental e oral através de entrevistas diversas.

Utilizaremos como referenciais teóricos Ecléa Bosi<sup>4</sup> onde a memória, com suas vertentes, contribuirão para comentarmos as memórias da professora Joana. Também utilizaremos Le Goff<sup>5</sup>, onde a memória é abordada de forma a ser discutida sob vários aspectos.

Dar visibilidade para professoras negras é também registrar a história de uma gama significativa de mulheres que viveram por longa data na obscuridade da História.

O registro dessa história vem se juntar à lei nº 10.639/2003, que trata da temática afro-descendente, e sua valorização quanto às culturas negras através de ações afirmativas, visando assim uma compensação dos (das) negros (as) e dos seus descendentes pelos danos materiais, psicológicos, sociais e culturais causados pela escravidão tão longa e vexatória.

Esta pesquisa é composta de dois capítulos. No primeiro, intitulado “**Das vozes, negras**”, será abordado brevemente as principais características de cada temática de forma a ligar ao meu objeto de pesquisa.

Problematizando assim a trajetória de lutas e resistências dos (das) negros (as), que nunca esmoreceram na busca de igualdade, visibilidade e reconhecimento, por conta de sua contribuição na formação deste país, que por mais de quatro séculos foram os pés e os braços do seu desenvolvimento como um todo.

No segundo capítulo, “**Joana Rosa dos Santos**”, serão analisadas as memórias da professora Joana Rosa dos Santos, sob a lembrança dos filhos, onde a

---

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Abdias do. **Combate ao racismo**: discursos e projetos. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

<sup>3</sup> LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.

<sup>4</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>5</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

biografia da educadora trará visibilidade, utilizando-se como fonte a caderneta de anotações de assuntos diversos, primando assim pela riqueza de escritos.

## 2 DAS VOZES, NEGRAS

Neste capítulo iremos refletir sobre as diferentes formas de luta e resistência negra, demonstrando com isso que as conquistas alcançadas fazem parte dos processos nos quais estão inseridas muitas gerações que não se calaram frente às injustiças e opressões.

Não intencionamos neste trabalho de pesquisa aprofundar as temáticas “raça”<sup>6</sup>, “negritude”<sup>7</sup>, “identidade” e seus conceitos, mas faremos apenas uma sinopse para à partir daí, fazermos ligação com nosso objeto de pesquisa, que abordará as memórias de uma professora negra no Balneário Rincão.

Problematizaremos, ainda, a presença afro-feminina em Santa Catarina, até a década de 1950, período que se liga ao nosso tema, qual seja, a trajetória de vida de uma professora negra que tem por nome Joana Rosa dos Santos, que lecionou em Balneário Rincão na década 1940.

Assim, este capítulo será construído por muitas vozes, plurais e diversas, que estarão em movimento.

### 2.1 O NEGRO EM MOVIMENTO

Pensar os negros em movimento é compreender que eles não aceitaram as imposições as quais foram impostos. É também perceber a diferença entre os discursos que o quis estigmatizar e alheios a uma prática comprometida com a luta e a resistência.

Dentre as várias diferenças socialmente produzida no Brasil, procurar-se-

---

<sup>6</sup> “O que é raça? Depende. Realmente depende de se estamos falando em termos científicos ou de uma categoria do mundo real. Essa palavra ‘raça’ tem pelo menos dois sentidos analíticos: um reivindicado pela biologia genética e outro pela sociologia. O que significa a não existência de raças humanas para a biologia? Significa que as diferenças internas, digamos aquelas relativas às populações africanas, não são maiores do que as diferenças externas, aquelas existentes entre populações africanas e populações européias, por exemplo. Ou seja, é impossível definir geneticamente raças humanas que correspondam às fronteiras edificadas pela noção vulgar, nativa, de raça.” GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça novas perspectivas antropológicas. In: \_\_\_\_\_. **Cor e raça e outros conceitos analíticos**. 2. ed. rev. Salvador: ABA EDUFBA, 2008.

<sup>7</sup> “Com efeito, no ‘Negritude’, que foi nossa primeira tentativa para cercar as noções de alteridade e identidade em torno do conceito de negritude resultado do contexto colonial, tentei mostrar que um dos objetivos fundamentais da negritude era a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros. Poetas, romancistas, etnólogos, filósofos e historiadores, etc. quiseram restituir à África o orgulho do seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado sua personalidade.” MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 44.

á enfocar algumas nuances entre a exclusão do negro e as práticas das lutas e resistências ao longo da história. Portanto, problematizaremos diferentes contextos que contribuíram seja através da ideologia do branqueamento, seja através das práticas de discriminação cotidiana, para silenciar e tornar as populações afros descendentes invisíveis e diminutas.

Segundo Valente<sup>8</sup>, “os negros nunca demonstraram ser passivos. Ante tanta humilhação, muitos utilizaram o suicídio como forma de protesto e resistência. Mostravam assim, que a vida lhes pertencia e tiravam de seus donos esse privilégio”.<sup>9</sup>

Muitos se deixavam morrer de tristeza, outros fugiam. Vale ressaltar que os negros não têm permanecido passivos ante os mais diversos tipos de violência a que são forçados e submetidos. Observa-se que durante a escravidão manifestações de protestos como suicídio, fugas, insurreições, organizações de quilombos ou demonstrações de resistência cultural foram constantes no Brasil.

Esquecidos pelas políticas públicas e pelas pesquisas científicas, os negros deixaram de fazer parte, ou talvez nunca fizeram, do perfil étnico em se tratando das regiões Norte a Sul do Brasil, de sua identidade. Ou porque foram invisibilizados pelas várias formas de representação literária e política ou porque foram segregados social e espacialmente, de modo a serem tratados como não existentes.

Segundo Rascke:

No terreno educacional, o protagonismo negro emergiu vivamente no pós-abolição. Para se contrapor ao analfabetismo, à falta de oportunidades educacionais e ao “preconceito de cor” no sistema escolar, um setor dos afro-catarinenses investiu em iniciativas pedagógicas próprias, oferecendo cursos de alfabetização, ou mesmo criando estabelecimentos de ensino voltados para a “população de cor”. Na cidade de Joinville, os “libertos de 13 de maio” criaram um clube com a denominação Instrução e Beneficência, em 1889. Seu fito era difundir a “instrução primária entre os associados, havendo para isso uma escola noturna”<sup>10</sup>

Em 1988, no Centenário da Abolição, e em 1995, no Tricentenário da morte do líder Zumbi, várias e significativas formas de tornar mais visível sua presença foram implementadas, principalmente pelos movimentos negros.

<sup>8</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.

<sup>9</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987. p.15

<sup>10</sup> RASCKE, Karla Leandro Mestranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 1993.

Sem deixar de reconhecer sua importância, percebe-se que, uma vez encerrados os eventos e as datas comemorativas, um novo silêncio se instaura, tornando-os insuficiente para produzir os efeitos e as mudanças que a questão requer e que os próprios negros reivindicam.

Muito pouco se tem feito em relação ao afrodescendente que fizeram e ainda tem feito para o engrandecimento deste país de dimensões continentais.

Reparar as mazelas causadas é o dever das autoridades que emanam do povo dos quais os afrodescendentes fazem parte.

É preciso não perder o fio da meada deste debate, é preciso que ele deixe de ser um efêmero e passageiro espaço da mídia para se tornar um assunto de interesse constante de toda a sociedade brasileira<sup>11</sup>.

A isso vai salientar Moura, ao afirmar que:

Os (as) negros (as) sempre lutaram contra os abusos do sistema colonial de diversas maneiras. Apesar de toda a opressão que lhes foi imposta pela escravidão, continuaram promovendo suas culturas e visões de mundo, em manifestações individuais e coletivas, nos quilombos, irmandades, terreiros e senzalas.<sup>12</sup>

Assim, os negros preservaram a relação com a ancestralidade e a religiosidade africanas e com os valores nelas representados, como, por exemplo, a noção de coletividade.

Possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura dinâmica e a resistência à escravidão<sup>13</sup>. Pois durante este período, os negros, além de receberem castigos físicos e serem submetidos a uma carga de trabalho intensa que levava muitos à morte, eram abrigados em senzalas que propiciavam condições precárias de subsistência<sup>14</sup>.

Mesmo com a abolição da escravatura não houve grandes mudanças nas condições de vida dos afro-descendentes.

Sendo uma vez postos em liberdade, foram abandonados à própria sorte, como podemos observar no seguinte poema, “O engodo político mascarado e a liberdade negada do 13 de maio”, entoado por Oliveira Silveira, em 1970 (em plenos

<sup>11</sup> LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.

<sup>12</sup> MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>13</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações para a educação das relações étnico-raciais**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006. p. 257.

<sup>14</sup> FILHO, Mário Maestri. **A Servidão Negra**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p.152.

anos de chumbo da Ditadura Militar) no poema “Banzo”:

Liberdade sem asas  
 e fome sem pão  
 Liberdade de asas quebradas  
 como  
 este verso.  
 Liberdade asa sem corpo:  
 sufoca no ar,  
 se afoga no mar.  
 Treze de maio – já dia 14  
 o Y da encruzilhada:  
 seguir  
 banzar  
 voltar?  
 Treze de maio – já dia 14  
 a resposta gritante:  
 pedir  
 servir  
 calar.  
 Os brancos não fizeram mais  
 que meia obrigação  
 O que fomos de adubo  
 o que fomos de sola  
 o que fomos de burros cargueiros  
 o que fomos de resto  
 o que fomos de pasto  
 senzala porão e chiqueiro  
 nem com pergaminho  
 nem pena de ninho  
 nem cofre de couro  
 nem com lei de ouro.  
 que o que temos nós lutamos  
 para sobreviver  
 e também somos esta pátria  
 em nós ela está plantada  
 e então vamos rasgar  
 a máscara do treze  
 para arrancar a dívida real com nossas próprias mãos.<sup>15</sup>

Diferentemente do que muitos imaginam, os negros, desde que foram sequestrados de suas terras matrizes, não ficaram estáticos na sua história. Houve sempre um movimento de repulsa, demonstrando assim a não passividade dos negros como agentes em constante busca de afirmação e de liberdade e consolidação de uma identidade e não apenas de raça.

Após a proclamação abolicionista a situação do negro sofreu mais uma mudança, aquele que antes estava sob a tutela e o mando dos senhores agora está lançado à própria sorte. Consoante Valente<sup>16</sup>: “A ‘libertação’ dos escravos resultou numa massa de negros perambulando pelas fazendas e cidades em busca de

<sup>15</sup>Disponível em: <[http://oliveirasilveira.blogspot.com/2006/12/oliveira-silveira-no-portal\\_afro.html](http://oliveirasilveira.blogspot.com/2006/12/oliveira-silveira-no-portal_afro.html)>. Acesso em: 15 de nov. 2013.

<sup>16</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje**. São Paulo: Moderna, 1987.



emprego”.

Os negros, em sua vida no novo continente, cerceados de sua liberdade, agora passam a enfrentar outra dura realidade pós-abolição: a concorrência desleal do imigrante europeu. Sobre isso comenta Valente<sup>17</sup>:

Mas o que fez a Lei Áurea? Fez com que os escravos, “coisas” sobre as quais seus senhores tinham direito de vida e de morte, fossem expulsos das fazendas e não tivessem para onde ir. Como competir com o trabalho dos imigrantes?

Para Garcia<sup>18</sup>,

É preciso retomar uma necessidade atual e antiga ao tempo, resquícios do Brasil-Império, os programas de ações afirmativas. Estes não são “privilégios” e sim “direitos positivos”. Garantias legais e constitucionais de acesso à educação, saúde, emprego em condições de igualdade entre brancos, negros e demais etnias.

Reviver a história torna-se quase impossível, mas discutir, analisar, problematizar é salutar, haja vista que a temática negra é um assunto recorrente.

A nossa historiografia tem exercido um papel importante na interpretação e reinterpretação em relação à escravidão negra no Brasil, que é abordada de diferentes ângulos.

Valente salienta que a condição do negro pós-abolição trouxe a “crença”,

De que o negro tinha maus costumes e más qualidades, haviam justificado e explicado a carga de trabalho e subjugação física e psicológica do escravo. Essas mesmas idéias passaram agora a ser justificativas para a não incorporação do negro liberto nas novas relações de produção e a não utilização de seu trabalho. Se você estivesse sem dinheiro, procurando emprego, sem ter qualquer preparo ou estudo e fosse sempre recusado, o que faria? Certamente teria alternativas. Fazer “bicos” do tipo lavar carros, cortar grama, varrer ruas etc. ou esmolar, roubar ou utilizar o próprio corpo e qualidades, “dons” pessoais, para conseguir sobreviver. Desacreditado e descartado como trabalhador livre nas atividades em expansão e mesmo naquelas que puderam ser desenvolvidas com seu trabalho, o negro se viu forçado a desenvolver atividades de pouco ou nenhum prestígio social, que reforçavam sua imagem negativa.<sup>19</sup>

Por isso destacamos que o negro pós-abolição precisou inserir-se no novo modo de vida vigente, buscando de alguma maneira sobreviver à essa brusca realidade para a qual não foram preparados.

Foi nesse contexto que os negros, a partir do 13 de maio de 1888, passaram de escravos a homens livres. Passaram a viver uma nova situação: o

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada**: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005. Brasília: INEP, 2007.

<sup>19</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F.op. cit. p. 22.

desemprego, o subemprego e a marginalidade. Das senzalas, grande parte dos negros foi morar em lugares onde as condições de vida eram subumanas [...].<sup>20</sup>

Reforçando ainda que,

Durante quatro séculos, os negros foram feitos escravos no Brasil. A trajetória deles da África até aqui foi marcada por diversas formas de violência. Não vieram para cá porque quiseram. Não passaram pelo sofrimento e pela humilhação de serem tratados como animais porque assim o preferiram. Não receberam chicotadas porque gostavam, mas porque resistiam. Foram por fim jogados à liberdade. Mas que liberdade foi essa? O que mudou de lá para cá? Será que não mudou apenas a forma de opressão? Qual é a situação do negro no Brasil hoje?<sup>21</sup>

Ao analisarmos os comentários de Valente, o qual problematiza a condição do negro desde sua participação ativa na construção econômica, cultural e social na formação do Brasil, ressaltamos que o negro foi indubitavelmente essencial para o engrandecimento do mesmo desde o seu nascedouro. A sua especificidade, infelizmente, ficou por muito tempo na invisibilidade.

## 2.2 MOVIMENTO NEGRO: FORMAS E RESISTÊNCIAS

Quando refletimos a relação entre Brasil e África e as diferentes experiências vivenciadas entre negros, estamos inevitavelmente nos referindo às múltiplas, diversas e esparsas formas de lutas, resistências e sobrevivências.

Para Valente<sup>22</sup>, “as formas de resistência negras mais espetaculares foram a revolta, a fuga e a formação de aldeamentos chamados quilombos”.

Os quilombos foram um refúgio para escravos durante o período colonial, onde se agrupavam aqueles cansados dos maus tratos dos seus senhores. Também podem ser definidos como agrupamentos de refugiados tanto escravos, como indígenas e mamelucos.

Muitas são as comunidades quilombolas no Brasil que lutam pela conquista ou permanência em seus territórios ancestrais e as mesmas entram em choque com os mais diversos interesses.

Muitas vezes são eles do poder público ou privado, pois embora estas populações tenham seus direitos territoriais assegurados constitucionalmente, os

<sup>20</sup> Idem, p. 22.

<sup>21</sup> Idem, p. 22.

<sup>22</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F., op. cit. p. 18.

embates e disputas estão freqüentemente postos quando uma comunidade põe-se em movimento no sentido de requerê-los.

Particularmente tive a oportunidade de participar este ano, via curso de História, de uma visita à comunidade quilombola São Roque, localizada no município de Praia Grande, onde ocorreu um debate reivindicatório visando melhores condições por parte daquela liderança.

O que constata o quanto a luta e a resistência afro-descendente precisam continuar.

Palmares é a que mais se destaca, por causa da popularidade de Zumbi, porém o que nos deixa um tanto confortado é que não foi o único.

A resistência negra muitas vezes foi marcada por uma territorialidade, os quilombos, livres e sagrados, foram uma das primeiras formas de defesa dos negros contra não só a escravidão, mas também à discriminação racial e o preconceito.

Houve muitas lutas, resistências e revoltas. Podemos destacar uma ocorrida no início da crise da República Velha, expressa pelos marinheiros liderados por João Cândido, na Revolta da Chibata, como a primeira expressão da organização dos negros no Brasil desde o fim da abolição da escravidão.

O marinheiro João Cândido, o líder da revolta, disse posteriormente que as reuniões do “comitê” duraram aproximadamente dois anos. A revolta paulatinamente tomava corpo<sup>23</sup>.

João Cândido denota o quanto os negros, diferente do que é apresentado em alguns livros didáticos, não encaravam a questão escravagista e pós-escravidão como algo normal, mas lutaram, reivindicou e obteve significativas conquistas.

Para Nascimento<sup>24</sup>: “O surgimento do movimento negro no Brasil surge no início do século XX como herdeiro e continuação de uma luta já em movimento desde os primórdios da constituição do Brasil”.

O movimento negro tem início quando tenta se organizar a partir de clubes, associações e até mesmo jornais, com a intenção de direcionar a população negra quanto a reivindicações para que o negro fosse integrado, de fato, à sociedade, compartilhando dos mesmos direitos enquanto cidadãos.

A imprensa negra, um dos primeiros movimentos negros, teve

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. A Revolta da Chibata e seu Centenário. *Perseu*, n. 5, Ano 4, p. 10-41, 2010.

<sup>24</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Sammus, 2003, p. 222.

fundamental importância nesse processo, pois através dela os negros passaram a lutar juntos por uma sociedade antirracista.

Através de vários outros movimentos sociais que surgiram ao longo dos anos, objetivaram não só alcançar a equidade entre raças, mas também entre classes, como forma de eliminar as desigualdades sociais que assolam nosso país desde a colonização, excluindo e explorando aqueles que são diferentes em classe social e cor.

#### Segundo Nascimento:

A luta quilombola atravessa todo o período colonial e o do Império, sacudindo até fazer ruir as estruturas da economia escravocrata. Complementada e ampliada no abolicionismo protagonizado por figuras como Luís Gama, José do patrocínio, os irmãos Rebouças, bem como os heróis anônimos das Revoltas dos Búzios, dos Malês e tantos outros, essa luta anti-racista afro-brasileira define-se de novas maneiras após a abolição.<sup>25</sup>

Para Nascimento<sup>26</sup>: “No início do século XX proliferavam associações sociais e recreativas afro-brasileiras e surgia uma imprensa negra que se manteve bastante dinâmica durante as décadas seguintes”.

A referência a imprensa negra denota o quanto o negro era capaz de articulação e mobilização.

Krauss<sup>27</sup> afirma que: “Para contextualizar as resistências no século XX, é necessário analisar o papel da imprensa, pois ela visava alterar a imagem e auto-imagem dos afro-descendentes e modificar e expandir os lugares sociais que lhes eram destinados”.

Esses lugares serviam não apenas de lazer, mas também de reuniões e ensinamentos diversos entre eles a alfabetização.

Nascimento<sup>28</sup> afirma que “a imprensa negra trouxe relevantes serviços e que algumas entidades eram de cunho social, mas que também assumiam dimensão de atividade pública, como o Centro Cívico Palmares e o centro cívico Afro-Campineiro”.

Abdias do Nascimento, da tribuna da Câmara Federal, afirma em sua fala: “A escravidão acabou, mas o negro ainda continua sofrendo as desvantagens

---

<sup>25</sup> Idem, p. 222.

<sup>26</sup> Idem, p. 224.

<sup>27</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit.

<sup>28</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin, op. cit. p. 224.

econômicas, as desvantagens culturais e políticas que deveriam ter terminado a 13 de maio de 1888”<sup>29</sup>.

Ao analisarmos a dimensão e a profundidade da fala de Nascimento, observamos que o negro, com a sua força, suor e exploração, construíram este país, quando este mesmo país o trata como cidadão e cidadã de segunda classe. Todavia continuam marginalizados pelo racismo e por uma discriminação velada, tendo assim que continuar lutando em condições desiguais com etnias que colonizaram este país.

O Brasil é o segundo país em população negra no mundo. Mas a condição do negro, no mercado de trabalho, é muito aquém quando se observa quantos estão em setores elitizados e os atuantes em áreas de menor expressão.

O que se vê são negros em setores e áreas com pouca ou nenhuma expressão, denotando assim a dificuldade de inserção no mercado de trabalho com maior ascensão social.

Quase não se vê gerentes de bancos negros, dificilmente encontramos prefeitos ou governadores negros, em partidos políticos as presenças em destaque de negros (as) são bastante efêmeras. Destaque atual e em evidência é a do ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, o qual chegou a esse patamar mediante uma boa escolarização. Remetendo assim que as mudanças acontecem através de estudos e políticas públicas, que possam contribuir para que o negro tenha as mesmas condições de igualdade.

Hoje não são raros os dados estatísticos como uma expressão da realidade, que revelam o hiato que ainda existe entre brancos e negros. Os negros seguem ocupando os empregos com menores salários (no que tange às mulheres negras a situação é bem pior, chegando a ganhar um salário bem menor, em relação à mulher branca, para realizar a mesma função), indicando assim maiores índices de desemprego; negros e negras são maioria nas favelas e periferias; além de que são os principais alvos da violência policial.

Vejamos as estatísticas abaixo:

No Estado do Rio de Janeiro, os pretos compõem 11,1% da população, mas são 32,4% dos mortos pela polícia. Entre os brancos o quadro se inverte: são 54,5% da população e 19,7% dos mortos pela força policial. Já para os pardos, 34% da população do Rio de Janeiro, a incidência de mortes é de 21,8%, também acima da porcentagem registrada entre brancos. Os

---

<sup>29</sup> NASCIMENTO, Abdias do, op. cit, p. 52.

cálculos foram feitos a partir de 1.538 ocorrências envolvendo morte de opositores pela polícia, entre janeiro de 1998 e setembro de 2002. Os dados de população são do Censo de 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).<sup>30</sup>

Passados dez anos o que se observa é que a desigualdade perdura, o que pode ser constatado pelo censo divulgado em 2012 abaixo:

IBGE DIVULGA ESTATÍSTICAS COMPLETAS DO CENSO 2010  
**Negros, Mulheres e Nordestinos continuam mais afetados pelas desigualdades.** No Brasil, os rendimentos médios mensais dos brancos (R\$ 1.538) e amarelos (R\$ 1.574) se aproximaram do dobro do valor relativo aos grupos de negros (R\$ 834), pardos (R\$ 845) ou indígenas (R\$ 735). Entre as capitais, destacaram-se Salvador, com brancos ganhando 3,2 vezes mais do que negros. Em suma, os negros e pardos ganham salários mais baixos do que brancos e amarelos (que ganham 2,4 vezes mais) e morrem mais cedo em consequência da precariedade das condições de vida, da violência e do difícil acesso a cuidados de saúde. Divulgado às do Dia da Consciência Negra, os índices serviram de saúde combustível para as reflexões sobre a situação da população negra brasileira.<sup>31</sup>

A abolição lenta e gradativa esteve a serviço das elites, com o propósito de garantir as bases para a introdução do trabalho assalariado no país, de modo a caracterizar o negro como trabalhador de segunda categoria, o que não mudou muito até hoje.

Os negros são maioria, por exemplo, entre os trabalhadores terceirizados, que além de baixos salários, estão submetidos a péssimas condições de trabalho.

Toda essa retrospectiva histórica, que podemos e devemos aprofundar em outras oportunidades, não se basta por si. O que de fato empurrou a Coroa imperial a libertar os escravos foram, em primeiro lugar, as forças econômicas subjacentes à Revolução Industrial, capitaneadas por uma Inglaterra ávida de mercados para os seus produtos manufaturados.

Explicam-se desse modo as pressões exercidas pela Grã-Bretanha sobre o Governo brasileiro, especialmente no que tange à proibição do tráfico, que acabaria minando os próprios alicerces da instituição escravista.

Outro fator fundamental foi o recrudescimento da resistência negra, traduzido no pipocar de revoltas sangrentas, com a queima de engenhos e a destruição de fazendas, que se multiplicaram nas últimas décadas do século XIX, aumentando o custo e impossibilitando a manutenção do sistema.

<sup>30</sup> Censo de 2000 do IBGE.

<sup>31</sup> UNEafro-Brasil 2011.

Acerca do 13 de maio, onde a grande “heroína” princesa Isabel é apresentada nos livros didáticos, faz-se necessário a desconstrução da “bondade” apresentada à favor da princesa como redentora dos escravos.

Mas é necessário partir de uma análise sobre esse processo descrito acima, para discutir como hoje o povo negro deve continuar se organizando para combater o racismo, o preconceito e a exploração que enfrentam todos os dias, há gerações.

Acerca desse assunto, Nascimento<sup>32</sup> comenta: “Não parece sustentar-se nos fatos, por exemplo, a identificação nessa fase da luta afro-brasileira de uma ‘época da inocência’ característica do ‘estágio de submissão’ no processo coletivo de desenvolvimento de identidade”.

O movimento negro, com as suas vertentes, vem engendrar na história deste país uma página de lutas, resistências e conquistas das mais diversas e sua discussão é sem dúvida de grande relevância.

Ninguém consegue uma transformação de um dia para outro. Lembrando-me da máxima que diz “a propaganda é a alma do negócio”, penso que podemos afirmar que a imprensa negra foi de muita valia para divulgar os ideais do movimento negro, para reivindicar ações afirmativas, bem como denunciar o racismo e as suas implicações.

Krauss<sup>33</sup> comenta que:

Os periódicos dessa imprensa negra tiveram como precursores Luís Gama, José do Patrocínio, Maria Firmina dos Reis, Solano trindade e Lino Guedes. Dentre esses jornais e revistas podemos destacar: O Menelick (1915), O alfinete (1918), Getulino (1919), O Clarim da Alvorada (1924), Quilombo (1929), A Voz da Raça (1933), Alvorada (1945), Senzala (1946), A Voz da Negritude (1953), Correio do Ébano (1977), etc..

Ressaltamos também que os jornais trouxeram significativas contribuições na divulgação do movimento negro.

As várias publicações dessa imprensa possuíam posições políticas divergentes, compreendendo de maneira diferente a função político-social das entidades de que eram representantes. A maioria delas se preocupava em promover reuniões, bailes e várias comemorações.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> NASCIMENTO, Elisa Larkin, op. cit., p. 239.

<sup>33</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit., p. 14.

<sup>34</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit., p. 15.

Lembrando-nos que não havia uma unicidade quanto ao movimento, pois havia facções dentro do movimento que divergiam a respeito do rumo a ser tomado.

Algumas facções do movimento negro defendiam a participação dos negros na política, outras se posicionavam contra, pois acreditavam que o envolvimento com a política os afastaria dos problemas e reivindicações do movimento, e ocorria um distanciamento entre as lideranças e a Comunidade Negra. O tema gerou polemica e ruptura dentro do Movimento Negro.<sup>35</sup>

Uma das características da Frente Negra foi a adequação do (a) negro (a) aos padrões da sociedade branca no intuito de romper e anular a discriminação racial e as barreiras para ascensão dos (as) negros (as). Essa crença marcou o Movimento Negro anterior à década de 1970.<sup>36</sup>

Em 1936 a Frente Negra se constituiu em um partido político nacionalista, que simpatizava com o fascismo.

Com o golpe do Estado Novo, o registro foi cassado e alguns militantes tentaram transformá-la na União Negra Brasileira, não conseguindo o mesmo impacto e aceitação dentro da Comunidade Negra.

Com o fechamento da Frente Negra, somente em 1944 foi criada outra entidade de destaque no país, o TEN (Teatro Experimental Negro), que tinha como objetivo incentivar o teatro, promover eventos culturais e utilizar o teatro como instrumento de reconfiguração da imagem do negro, insistindo em adequá-lo aos moldes da sociedade branca.

O TEN teve um papel importante, pois se voltou para os (as) negros (as) vindos (as) das classes mais baixas: os operários desqualificados, domésticas, favelados e os frequentadores de terreiros, transformando-os em atores e atrizes.<sup>37</sup>

O TEN foi responsável pela publicação do jornal “O Quilombo”, no qual expunha seus objetivos e divulgava suas atividades.

Patrocinou eventos ligados à cultura negra, como a Convenção Nacional do Negro em São Paulo (1945) e no Rio de Janeiro (1946): I Congresso do Negro Brasileiro em 1950, sendo também responsável pela criação do Instituto Nacional do Negro Brasileiro, na década de 50.

<sup>35</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, idem, p. 76.

<sup>36</sup> ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1991. p. 443.

<sup>37</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações para a educação das relações étnico-raciais**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006.



Outra importante vertente do Movimento Negro surgiu nesse período: a Associação Cultural do Negro, responsável pela edição do Caderno de Cultura Negra, que foi criado em 1954. Primeiramente essa entidade se dedicou apenas às atividades artísticas, posteriormente passou a se ocupar de eventos assistenciais e culturais.<sup>38</sup>

O movimento negro em suas mais diferentes formas, seja na resistência, seja nas lutas (aborto, suicídio, sabotagem, fugas, formações de quilombos ou até mesmo homicídios), bem como as mais diversas revoltas, movimentos organizados, imprensa negra e afins, têm trazido para a historiografia brasileira atualmente o quanto o negro tem lutado para mostrar e demonstrar sua visibilidade.

### 2.3 IDENTIDADE NEGRA NO SÉCULO XX: ALGUMAS REFLEXÕES

“Penso, logo existo”, essa frase foi proferida por René Descartes, “filósofo e matemático holandês, acerca do método utilizado para fundamentar o conhecimento humano em bases sólidas e seguras”.<sup>39</sup> Para tanto, questionou e colocou em dúvida todo o conhecimento aceito como correto e verdadeiro (utilizando-se assim do ceticismo como método, sem, no entanto, assumir uma posição cética). Ao pôr em dúvida todo o conhecimento que, então, julgava ter, concluiu que apenas poderia ter certeza que duvidava.

Ao observar o posicionamento metodológico de Descartes faz-se necessário uma reflexão concernente ao pertencimento do negro no novo continente.

Inconscientemente, subjetivamente e inserido em uma nova vivência, logo percebe e através da negação articula-se conscientemente sua identidade. Recusa-se a aceitar que é uma coisa, uma mercadoria, uma “laranja”, um sem rosto, sem expressão, sem qualidade, sem significação, sem visibilidade.

Poderia definir através da consciência a identidade do negro, porém não foi assim que funcionou, o negro, precisaram lutar e provar que se pensam logo existem.

<sup>38</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit., p. 79.

<sup>39</sup> MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 118.

Para Loureiro<sup>40</sup>, o conceito de identidade está originalmente relacionado ao fato de um indivíduo construir a sua própria história.

A identidade, processo em construção. Na visão de Ferreira<sup>41</sup> é importante ressaltar que “identidade não é vista, aqui, como uma categoria a expressar uma estrutura pessoal fixa, mantendo-se a mesma no tempo, como muitas teorias podem sugerir”.

Para Ferreira:

É um constructo que reflete um processo em constante transformação, cuja s mudanças vêm sempre associadas a mudanças de referências e a novas construções de realidade por parte dos indivíduos, determinadas por sua participação em certos processos provocadores de impacto existencial. Creio ser a identidade uma categoria efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, determinando sua auto-estima e sua maneira de existir. Neste sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática do afro-descendente, o conhecimento da maneira como ele desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos, em que é discriminado negativamente.<sup>42</sup>

Isso nos leva a repensar as dificuldades encontradas pelos negros em instalar-se. Haja vista conviverem em um ambiente onde as regras os desfavoreciam, por serem ditadas pelos brancos.

Para Ferreira:

Assim, a sociedade brasileira cria mecanismos desfavoráveis ao desenvolvimento de uma identidade articulada em torno de valores positivamente afirmados, não somente para os afro-descendentes, mas para todo e qualquer cidadão, [...] trata-se de um problema de constituição da identidade do brasileiro.<sup>43</sup>

O negro precisa procurar o seu pertencimento, essa procura de embranquecimento e aceitação social pelo negro através do casamento misto, tentando e debatendo-se na tentativa de clarear o tom de pele dos filhos e netos apenas disfarçam a crise que se instala.

O negro, não querendo ser negro, acaba contribuindo para fomentar o preconceito interno. Para Valente<sup>44</sup> é preciso destacar o seguinte:

O negro não querendo ser negro e não conseguindo ser branco através de seus descendentes coloca-se, como pessoa, num impasse: ser sem querer

<sup>40</sup> LOUREIRO, Stefânie Arca Guarrido. **Identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004.

<sup>41</sup> FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção** São Paulo. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 46.

<sup>42</sup> FERREIRA, idem, p. 48.

<sup>43</sup> FERREIRA, idem, p. 43.

<sup>44</sup> VALENTE, Ana Lúcia E. F. op. cit.

ser --- versus querer ser sem poder ou conseguir. Somente quando toma consciência disso, é que o negro pode vir a passar por um processo através do qual assuma o que na verdade é: negro. O impasse se resolve assim: ser e querer ser. Assumindo uma identidade própria, o negro é então capaz de combater e se livrar da identidade negativa imposta pelo branco. Ao ser considerado e reconhecer-se negro, têm a possibilidade de lutar por um tratamento igual, mantidas as diferenças.

A isso destacamos a reflexão de Hall, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”<sup>45</sup>.

Ele continua afirmando que:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Loureiro corrobora ao afirmar que: “A identidade nunca é estabelecida como uma realização, na forma de uma armadura da personalidade ou qualquer coisa estática e imutável, é um processo em permanente construção”<sup>46</sup>.

A identidade está então relacionada a fatores tanto interno quanto externo, mediante reflexões, indagações, observação e juízo feito pelo indivíduo, que ocorre processualmente em todos os níveis do funcionamento mental.

Sendo assim faz-se uma comparação como ele se vê e como o outro o vê, e a significação que cada um exerce nesse processo para a formação identitária.

Para Loureiro<sup>47</sup>, “quando uma identidade está bem estruturada, a pessoa experimenta uma sensação de bem estar-estar psicossocial”.

Afirma ainda que “há uma aceitação com relação ao próprio corpo que se traduz por um sentimento de ‘estar em casa’, um sentimento de saber para onde vai e uma certeza, a priori, de reconhecimento por parte daqueles que são importantes para a pessoa”<sup>48</sup>.

Como os negros foram e ainda são estereotipados com vários pejorativos, é importante buscar a sua auto-afirmação positiva, visto que são pertencentes a uma minoria no qual o sistema social cria mecanismo dificultando assim o processo de identificação com seu grupo de pertencimento.

<sup>45</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>46</sup> LOUREIRO, Stefânie Arca Guarrido. **Identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2004.

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

Vejamos a afirmativa de Loureiro:

O indivíduo que pertence a uma minoria oprimida e explorada, que tem consciência dos ideais culturais dominantes, mas que está impedido de segui-los fica vulnerável ao processo de fundir as imagens negativas cultivadas dentro de seu próprio grupo. De se identificar com os protótipos negativos encontrados até aquele momento.<sup>49</sup>

Assim, a identidade individual ou coletiva se forma a partir de um olhar sobre o outro; ou a partir do olhar que o outro possui sobre nós. Isso coloca em foco questões relativas a conflitos e alianças, dando a “identidade” uma roupagem, de certa forma, contingente.

Desse modo, as “identidades” não devem ser pensadas como categorias fixas no tempo e no espaço.

A “identidade negra” é um valor disputado em conflitos sociais e intergrupais. A sua formação pressupõe um trabalho de organização do grupo ou sociedade.

Esse trabalho de organização é feito através da reconstrução, pelo grupo, de sua própria história.

A reconstrução da história do grupo se faz de acordo com as características históricas e sociais com as quais se relaciona. Entre elas destacamos a de ser professora negra em Santa Catarina.

## 2.4 PROFESSORAS NEGRAS EM SANTA CATARINA: VISIBILIDADE E CONTRIBUIÇÕES

Como o meu objeto de pesquisa é uma mulher negra e professora, num primeiro momento daremos visibilidade para algumas professoras negras em Santa Catarina, tais como Clotilde Lalau, Enedina Alano da Rosa. Na sequência abordaremos as contribuições de Joana Rosa dos Santos, personagem central desta pesquisa.

A educação se mostra uma ferramenta motivadora para e a partir dela engendrar políticas que permitam ao negro mostrar-se como alguém que pode contribuir e ao mesmo tempo ganhar concretude, no âmbito escolar, quebrando preconceitos há muito construídos a partir de uma suposta inferioridade.

---

<sup>49</sup> LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido, op. cit., p. 55.

Mediante a tantas dificuldades decorrentes do pós-abolição, que deixou os ex-escravos sem nenhuma política de inserção, como mulheres negras, descendentes de escravizados, ascenderam à condição de educadoras? Atentamos para as histórias de algumas educadoras negras em Santa Catarina.

De acordo com Krauss:

Clotilde Maria Martins Lalau nasceu no município de Tubarão (SC), pertencia a uma família humilde e numerosa, sendo ela a mais velha de 16 irmãos. Seu pai era maquinista e sua mãe cozinhava para a Siderúrgica Nacional. Mesmo possuindo poucos estudos, seus pais se preocuparam em proporcionar uma boa formação aos filhos, Clotilde tomou-se professora normalista.<sup>50</sup>

Percebendo o valor da educação dado pelos pais da professora Clotilde, no intuito de dar visibilidade aos filhos, onde não viam outro meio dos negros ascenderem senão por meio da desta.

As mulheres negras não raramente tinham como ocupação a casa de família, trabalhando assim como empregadas domésticas. Procurando fugir dessa estatística Clotilde, foi estudar.

Segundo Krauss<sup>51</sup>, Clotilde se formou professora quando ainda residia no município de Tubarão. Quando se casou e mudou-se para Criciúma continuou exercendo a profissão em colégios públicos, complementando a renda com aulas particulares.

Faz-se necessário salientar que em meio à turbulência do pertencimento, onde o negro era visto como inferior, as políticas de inclusão social caminhavam em passos bem lentos por conta de uma elite política que dava pouca ou nenhuma importância as causas dos afro descendente.

Krauss afirma que,

Segundo seus alunos ela sempre mantinha uma postura firme e rígida, tanto como professora e também enquanto diretora. É importante ressaltar que ela foi a 1ª diretora afrodescendente concursada do Estado de Santa Catarina, dirigindo o colégio Joaquim Ramos.

Em sua trajetória como educadora Clotilde dedicou-se a formação das mulheres afrodescendentes, pois dava cursos para prepará-las para o exame admissional visando que as mesmas tornassem professoras normalistas e chegassem a fazer faculdade além do curso de magistério. Sempre argumentando que as mulheres, principalmente as afrodescendentes deveriam trabalhar fora, sobretudo em trabalhos que possibilitassem ascensão social. Seu empenho em promover aspectos

<sup>50</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit., p. 7.

<sup>51</sup> Idem, p. 7.

culturais africanos e afro-brasileiros, buscar uma educação que discuta as relações étnico-raciais [...].<sup>52</sup>

Penso que quando os pais de Clotilde em incentivar e matricular seus filhos em instituições de ensino denota a importância dessa ferramenta que sem dúvida nenhuma muito contribuiu na formação, participação e engajamento pela continuação da luta dos negros e afrodescendentes, onde a professora Clotilde muito contribuiu para o Movimento Negro em Criciúma.

Outra professora negra que penso ser de um cabedal de importância é Enedina Rosentina Alano da Rosa, a qual dedicou 50 anos ao ensino público.

De acordo com Rosa<sup>53</sup>,

A identidade pessoal reveste-se de posições familiares, ordens de escala dos nascimentos, relações entre parentes. Neste caso, a professora Enedina possui o título de uma profissão (professora), que é status social. Além disso, também há os papéis de militante política e catequista, que completam seu status numa sociedade majoritariamente branca e eurocêntrica, sendo mulher educadora, negra, eleitora, católica.

A professora Enedina, a exemplo da professora Clotildes também foi incentiva a estudar, para que também não caísse nas amarras de se tornar mais uma nas estatísticas, as quais apontam que afrodescendente mulher e não conseguiam outra ocupação tendo pouca idade e sem estudo a não ser tornando-se empregadas domésticas.

Uma pesquisa da Fundação Seade e do Dieese aponta que as mulheres ocupavam 45,1% do total de postos de trabalho em 2008. Entretanto, representavam 95,4% do total de pessoas que prestam serviços domésticos.

Em 2008 as pesquisas apontam isso, no século XX não era diferente.

Para Rosa,

Há que se destacar que a educadora negra atuante nesse município catarinense rompeu com os estereótipos impostos às mulheres negras no início do século, tornando-se professora aos 18 anos, afirmando assim sua identidade numa época em que o magistério representava um respeitável posto na ordem social. Vê-se que, ao se tornar professora em 1924, Enedina rompeu o lugar de subalternidade, ocupando um espaço no qual as mulheres negras não estavam incluídas. Nesse caso, o percurso biográfico da professora representa uma forma de ascensão social. Se comparada à situação do negro brasileiro no mercado de trabalho, onde a maioria ocupa funções que exigem pouca qualificação e pouca escolaridade, a biografia da professora demonstra que ela conseguiu vencer os obstáculos impostos

<sup>52</sup> KRAUSS, Juliana de Souza, op. cit.

<sup>53</sup> ROSA, Kelly Cristina Fernandes da. **Enedina Alano da Rosa: a identidade da mulher negra. Educadora no Sul do Brasil.** 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. 2009.

pela sociedade. “a profissão de professor traz um diferencial socioeconômico em relação à maioria da população negra no Brasil”. E no caso da professora pesquisada, ela conseguiu fazer a diferença, formando sua identidade político-educacional desde o início da profissão.<sup>54</sup>

O relato acima vem ensejar no afrodescendente a continuidade na luta por igualdade, implementação de políticas inclusivas, visibilidade e o não estereótipo da “raça inferior”. Mulheres negras ainda são em menor número nas várias instâncias socioeconômicas, tais como na política, na segurança, nos meios de comunicações, bem como nas instituições de ensino.

O inconformismo com essa realidade acerca de profissionais negras tem motivado várias outras mulheres negras a buscarem mudanças através da educação em cursos técnicos e superiores visando assim melhores oportunidades e colocação no mercado de trabalho tão competitivo.

Segundo Rosa<sup>55</sup>,

Entretanto, há que se perceber que há invisibilidade da mulher negra e professora na sua história de luta e resistência. Enedina afirmou sua identidade, que foi historicamente reconstruída na história da educação do sul catarinense. De fato Típicas da zona rural, nessas escolas, um só professor ensinava, no mesmo horário e na mesma sala de aula, a todos os alunos da escola, embora estes apresentarem diferentes níveis de adiantamento escolar. Em 1915, surgiram as Escolas Reunidas, as quais expressavam o processo de mudança e evolução da Escola isolada. Enedina, junto com todas as mulheres negras, sofreram e sofrem duplo preconceito: o de gênero e o étnico.

A mulher negra nesse período abordado tinha pouca ou nenhuma visibilidade, porém a escolarização abria portas, pois dava certo estatus.

Rosa<sup>56</sup> afirma que,

Ser professora torna-se popular e ganha prestígio social. Ensinar às crianças foi a abertura para o espaço público, principalmente às mulheres que desejavam autonomia, independência econômica e realização profissional, além de alterar seu destino imposto pela sociedade. Ao cumprir o seu papel de educadora, dentro e fora do contexto familiar, Enedina rompe com o estigma da escravidão imposto à maioria dos negros e mestiços no Brasil. Só que, ao contrário da maioria dos descendentes africanos no país, Enedina chegou ao magistério bem cedo, impondo-se diante das injustiças cometidas ao longo de sua carreira de alfabetizadora. O imaginário de mulheres brancas e o de mulheres negras revelam concepções diferentes de vida e de famílias e suas inserções sociais são distintas e previamente determinadas pelas origens sociais, raciais e étnicas. As mulheres negras que pertencem às classes mais pobres, pouco escolarizadas, vivem no dia-a-dia a desvalorização pessoal e têm consciência de que são diferentes das mulheres brancas.

<sup>54</sup> ROSA, Kelly Cristina Fernandes, op. cit.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> ROSA, Kelly Cristina Fernandes da, op. cit.

Faz-se necessário compreender a educação e sua especificidade mensurando que através de si promove a participação efetiva na formação e promoção de professoras que se afirmam como sujeitos que se inserem na história.

Apresentar professoras negras e compará-las a rizoma é bem instigante e ao mesmo tempo abre-se um leque de interpretações.

Vejam a relação, um rizoma é rico em nutriente, a professora negra é rica em cultura herdada dos antepassados, caracteriza-se pela capacidade de emitir novos ramos, tem raiz. Assim como a negra com histórias de reinos na África, o rizoma está presente em numerosas plantas, a cultura negra também está presente em diversas culturas bem como na cultura brasileira.

Nesta analogia trataremos as professoras negras como sujeitos históricos que são ao escrever suas histórias, exemplificando também o nosso objeto de pesquisa, a professora Joana Rosa dos Santos, que se permitiu como professora negra tornar-se sujeito de sua própria história.

Para Cerisara as mulheres têm em si uma “garra”, uma pujança:

As mulheres não são passivas, nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Outra história.<sup>57</sup>

Destacar a visibilidade da mulher negra é indubitavelmente imprescindível, visando desconstruir que apenas as cores da pele de algumas são importante enquanto outras são preteridas.

Nossa pesquisa vem demonstrar a luta e a resistência que o negro, desde sua extradição feita pelos europeus de seu continente de origem até sua chegada ao Brasil, sempre resistiu às injustiças a eles impostas. Desde então luta através de vários mecanismos, e a educação é um desses meios para romper com a discriminação, o racismo e o recrudescimento dos seus descendentes.

---

<sup>57</sup> CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.



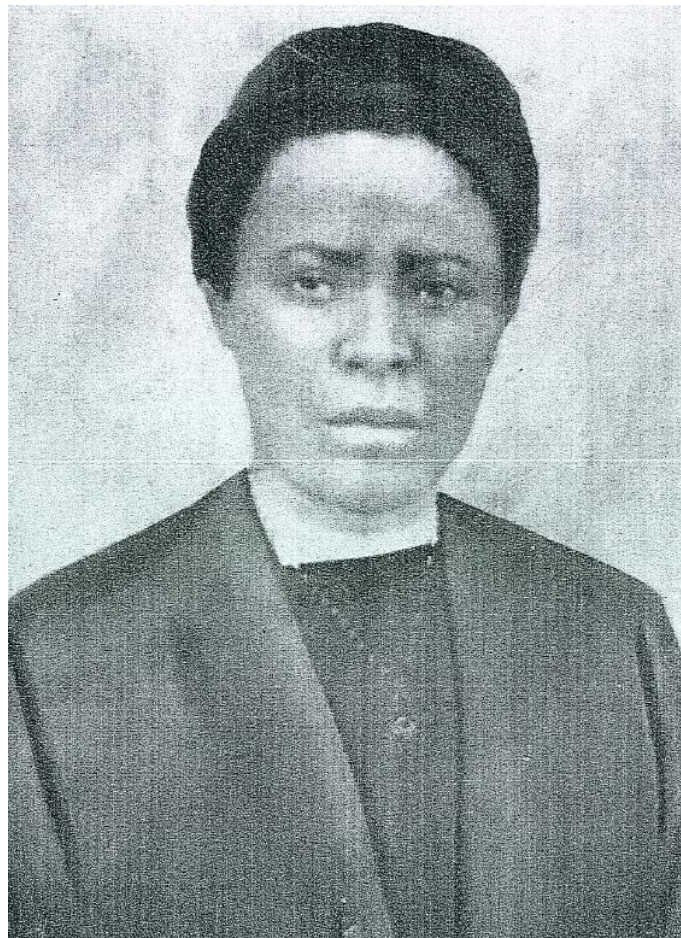
### 3. JOANA ROSA DOS SANTOS

Pesquisar a memória da professora Joana para mim tem sido de suma importância, um momento ímpar. Abordá-la como mulher negra, filha de ex-escravos oriunda de uma família numerosa, condições adversas, vivendo em um Estado de colonização europeia, onde o racismo e a discriminação constituíam uma grande barreira aos afros descendentes e ainda o é.

Porém a determinação de não conformidade com a realidade que permeavam as mulheres negras da época fez da professora Joana um ícone da sua família, destacando-se pela sua pujança, fibra e detentora de sua própria história.

A pesquisa denota que a mulher negra passa da invisibilidade para a visibilidade através da ferramenta da educação, onde, através da mesma, conquista uma pequena e significativa ascensão social.

#### 3.1 QUEM É JOANA ROSA DOS SANTOS



Joana Rosa dos Santos, filha de Francisco Bernardo da Rosa e Feliciano Joana da Rosa. Nascida em 03 de agosto de 1916, no município de Criciúma.

A “Noca” como era conhecida, negra de infância pobre, formou-se professora normalista no Colégio em Tubarão.

Segundo informação da família, os registros foram destruídos com o incêndio na casa onde moravam ainda pequenos, em Balneário Rincão

Nomeada professora na década de quarenta e cinquenta pelos prefeitos do município de Criciúma, Hercílio Amante, Addo Caldas Faraco, Elias Angeloni e Napoleão de Oliveira.

Podemos observar conforme a documentação assinada pelos respectivos prefeitos supracitados.

Faleceu em cinco de abril de 1962, aos 46 anos de idade, no Hospital São José, Rua Coronel Pedro Benedet, nº 630, Criciúma - Santa Catarina. Conforme documento contendo atestado de óbito. Causa da morte *ictus cerebral*; sepultada no Cemitério de São Roque, Criciúma – Santa Catarina.

A professora Joana Rosa dos Santos foi uma pessoa que não se prendeu aos poucos recursos, às condições adversas, apenas ao ensino básico, nem as dificuldades encontradas a uma escola casa ou a uma casa escola.

Não obstante aos comentários acima, a professora Joana Rosa dos Santos procurou ser especial, visionária, dedicada, ultrapassando os preconceitos sofridos na infância, na adolescência e porque não dizer na sua vida adulta.

Procurando sempre, superar-se para dar do seu melhor aos seus alunos, inserindo em seus ensinamentos não apenas as quatro operações, não apenas o português ou outras matérias pertinentes, mas introduzindo também aulas lúdicas tão inovadoras para a época.

Não queremos com isso afirmar, que a professora Joana Rosa dos Santos, em nenhum momento fraquejou, esmoreceu ou não tenha pensado em desistir. Sendo mulher, mãe e professora isso seria quase impossível.

Joana Rosa dos Santos escreveu peças teatrais, poemas, músicas, receitas culinárias, provérbios e hinos à pátria.

Abaixo documentos comprobatórios da nomeação da professora Joana Rosa dos Santos.

Figura 1: Documento de contratação de Joana Rosa dos Santos pela Prefeitura de Criciúma.

Resolução n.º 134

Elias Augusto, Prefeito Municipal de Criciúma, no uso das suas atribuições,

Resolve:

Designar Joana da Foz para exercer a função de professora, durante o ano corrente, o cargo de professora de 2.ª categoria da escola mista de Freguesia no Distrito de Abitater, percebendo os vencimentos mensais de 80.000 (oitenta mil reis)

Comunique-se

Prefeitura Municipal de Criciúma, 30 de janeiro de 1941

Elias Augusto  
 Prefeito Municipal

Fonte: O autor.

Figura 2: Remoção de escola da professora Joana Rosa dos Santos.

A. C. Araújo 73

Decreto de 9 de março de 1954.

Resolução

Remover

De acordo com o artº 68 da Lei nº 48, de 15 de setembro de 1950,

Joana Rosa dos Santos, ocupante do cargo de Professora - Padrão 9 do Quadro Único do Município, da escola mista de <sup>13m. Vila Ipiranga</sup> ~~Parque~~ para a de <sup>4º Anos - 1º e 2º Anos</sup> ~~4º Anos de Curso do Rincão~~, ambas no distrito de Ceará <sup>Publicar-se</sup>,

Prefeitura Municipal de Criciúma, 9 de março de 1954.

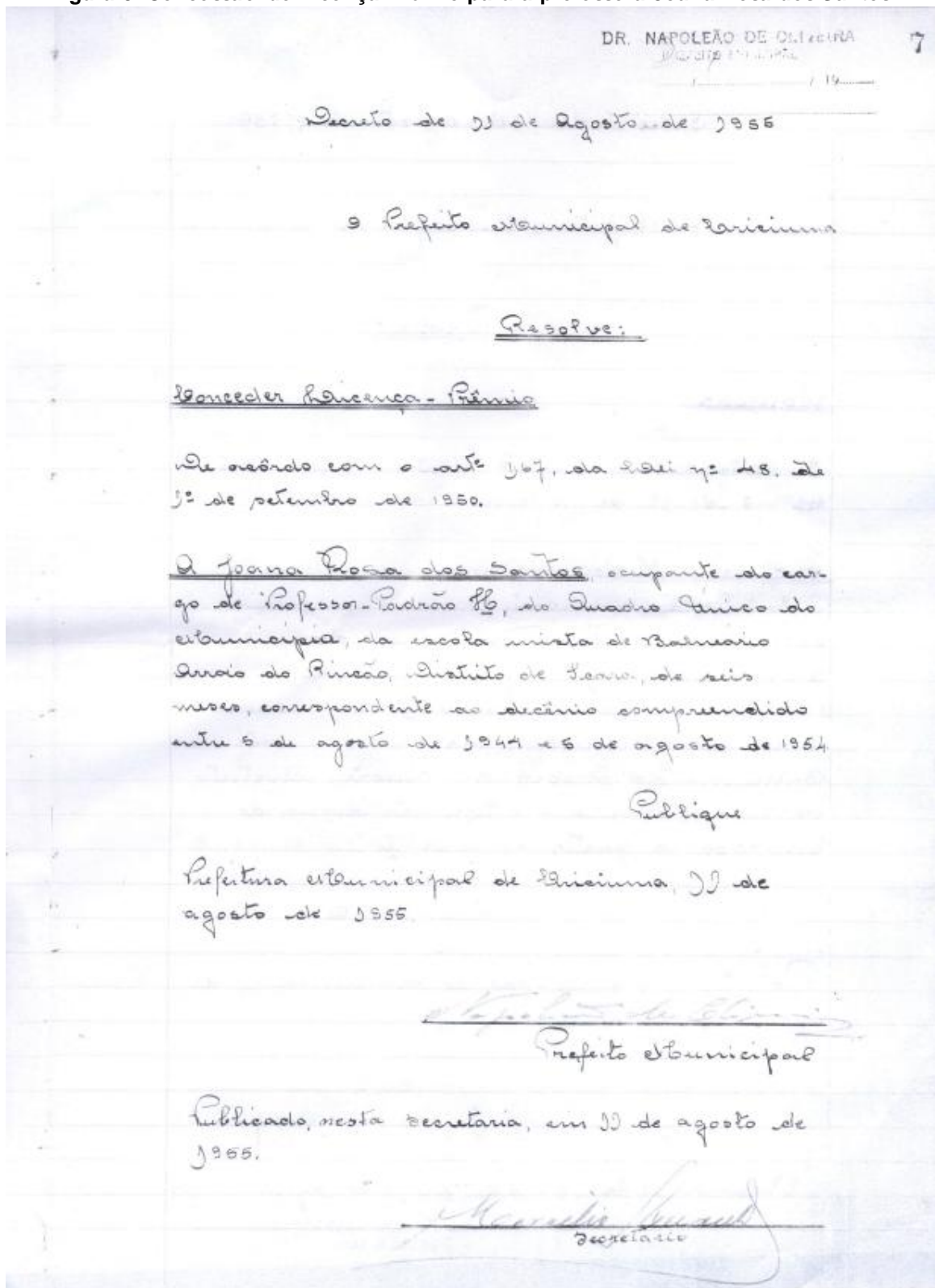
A. C. Araújo  
Prefeito Municipal

Publicado, nesta Secretaria, em 9 de março de 1954.

L. S. S. S. S.  
Secretário

Fonte: O autor.

Figura 3: Concessão de Licença Prêmio para a professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: O autor.

Figura 4: Concessão de Aposentadoria para a professora Joana Rosa dos Santos.

Decreto de 12 de fevereiro de 1958.

O Prefeito Municipal de Oricilma,

Resolve:

Conceder Aposentadoria

De acordo com o artº 185, item III e seu § 1º, da Lei nº 48, de 1º de setembro de 1950.

Joana Rosa dos Santos, ocupante do cargo de Professor-Padrão H, do Quadro Único do Município, da escola mista de Tabuleiros - Distrito do Pincão, distrito de Igara, com os proventos anuais de Cr. \$ 28.800,00, mais o adicional de Cr. \$ 1.440,00, no total de Cr. \$ 30.240,00.

Publique-se.

Prefeitura Municipal de Oricilma, 12 de fevereiro de 1958.

Adde Calder Sarcos  
Prefeito Municipal.

Publicado, nesta Secretaria, em 12 de fevereiro de 1958.

Herilí Luau  
Secretário

Fonte: O autor.

### 3.2 A CADERNETA COMO REGISTRO DE SUAS MEMÓRIAS

Pensar a memória apenas como uma recordação passageira é uma coisa, mas pensar a memória como fato histórico é outra coisa.

Sendo assim, estamos realizando esse trabalho de pesquisa acerca da professora Joana Rosa dos Santos, objetivando dar visibilidade à mais uma mulher negra e à sua contribuição como educadora.

Em um primeiro momento, a partir de uma caderneta manuscrita pela professora supracitada. Esta caderneta, como fonte de riquíssimo significado, foi nos concedida pela sua filha caçula, de nome Maria Leia dos Santos.

A importância desta fonte é que nela contêm especificidades próprias da professora Joana, que vão desde anotações de venda de artigos culinários, como carnes, vendidas aos populares da Praia do Rincão, até receitas variadas.

Nesta caderneta há escrito um rascunho ao monsenhor da paróquia da capital, assim como provérbios, músicas, hinos, peças teatrais, preces, aconselhamentos, anedotas e outros.

E num segundo momento, a partir das lembranças de seus filhos José Geraldo, Maria José, Edison dos Santos, Maria Leia, relataremos a vida de uma educadora negra.

Segundo Bosi<sup>58</sup>, a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças. Se a lembrança rememora e remonta o vivido, por conseguinte também seleciona a imagem do vivido, na proporção que lhe é exigido.

Assim, as páginas que seguem contam um pouco da história desta mulher negra, uma educadora que provavelmente nas horas vagas pegava sua caneta e desenhava palavras que chegam até nós com marcas, lembranças que nos permitem conhecê-la ainda mais. Principalmente porque em se tratando de mulheres negras, quase sempre não há indícios ou registros escritos.

Podemos perceber na imagem abaixo uma peça teatral escrita pela professora Joana Rosa dos Santos, porquanto vêm demonstrar que a professora em discussão não se prendia apenas aos conteúdos propostos.

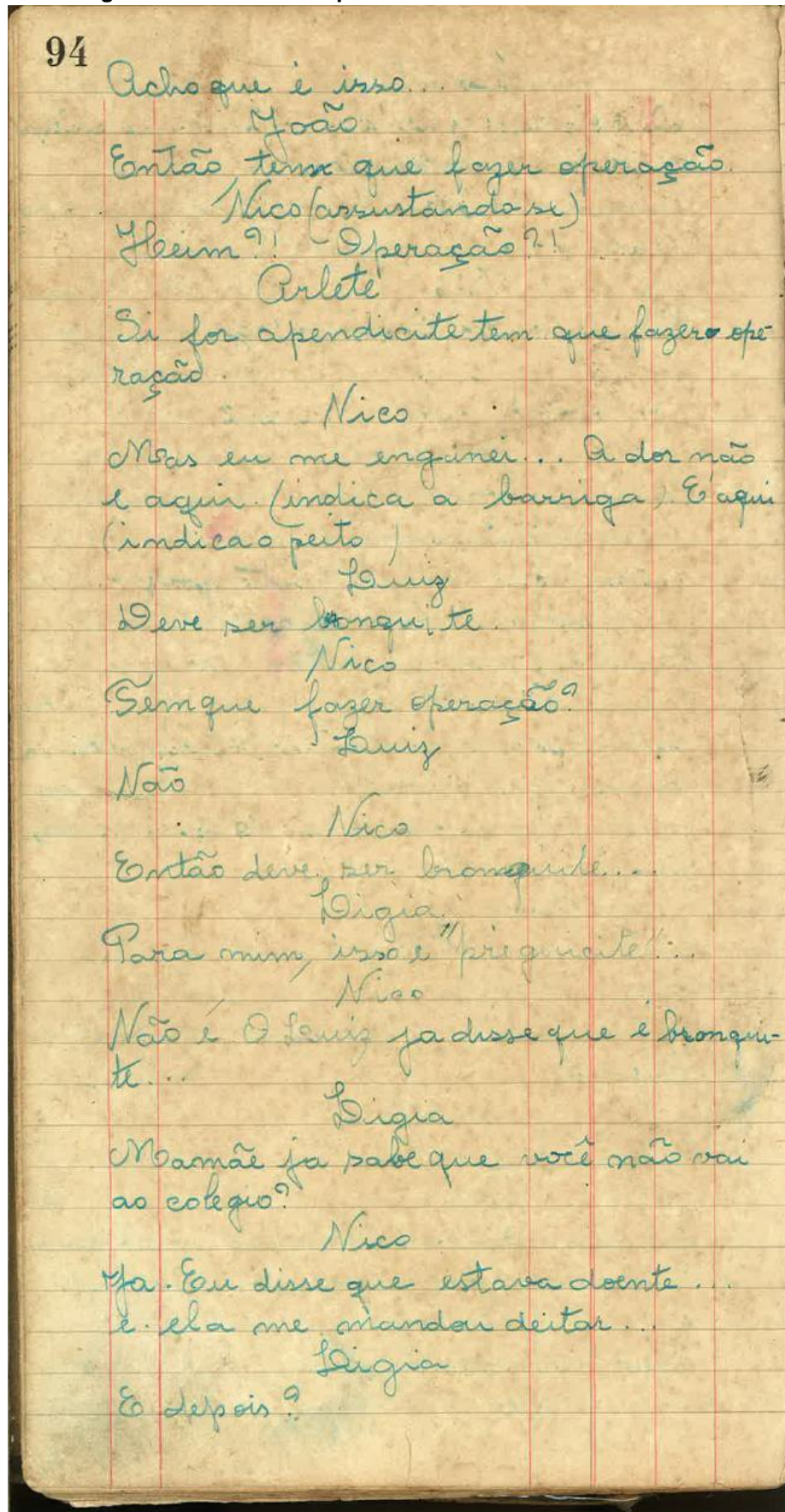
---

<sup>58</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 53.

As peças teatrais na década de 1940, ensinadas as crianças de idades diversas, denotam o grau de conhecimento da professora Joana Rosa dos Santos ao inserir no currículo dos mesmos algo que saía do campo teórico e passava ao ensino com certo teor lúdico.



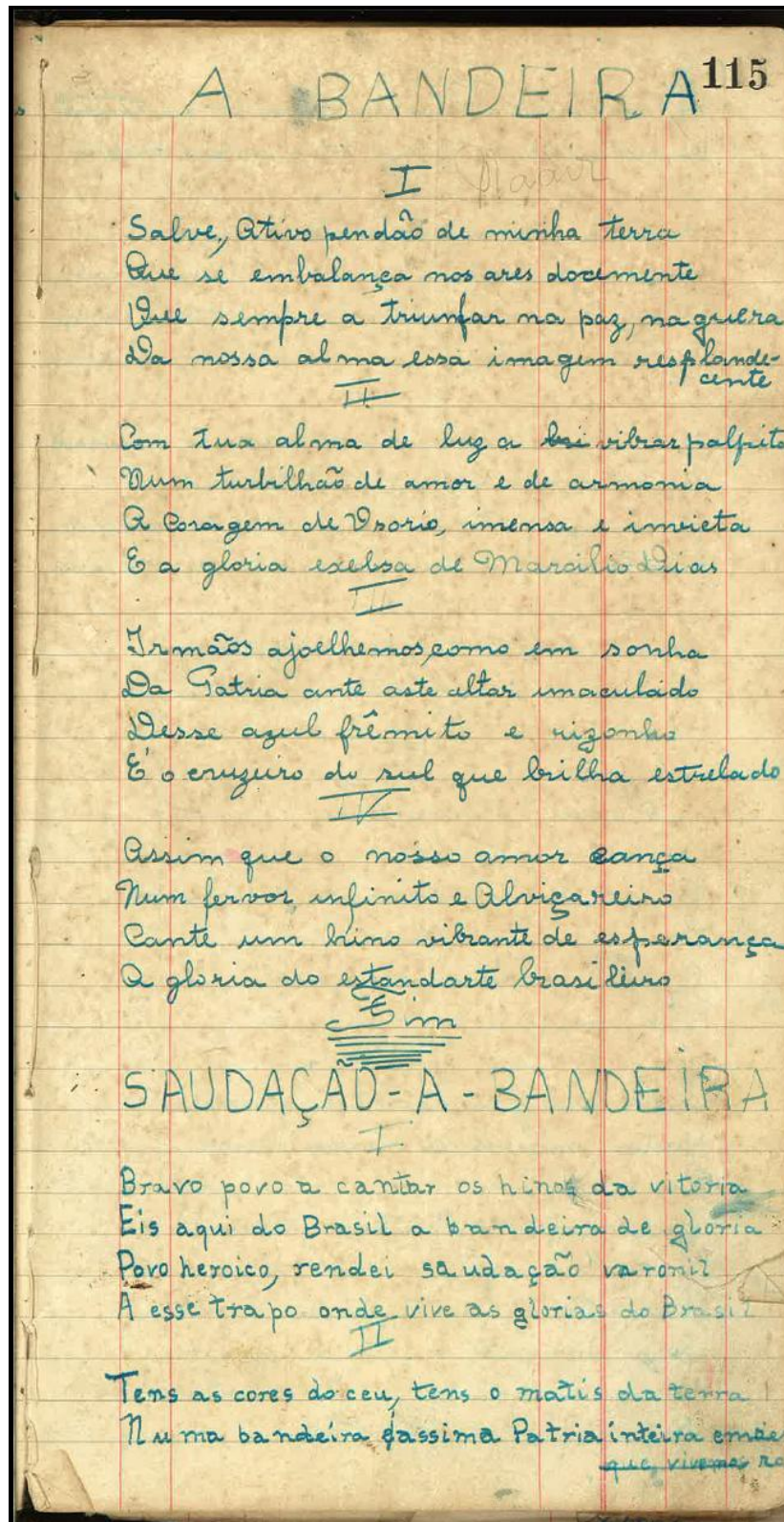
Figura 5: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo da particular da família.

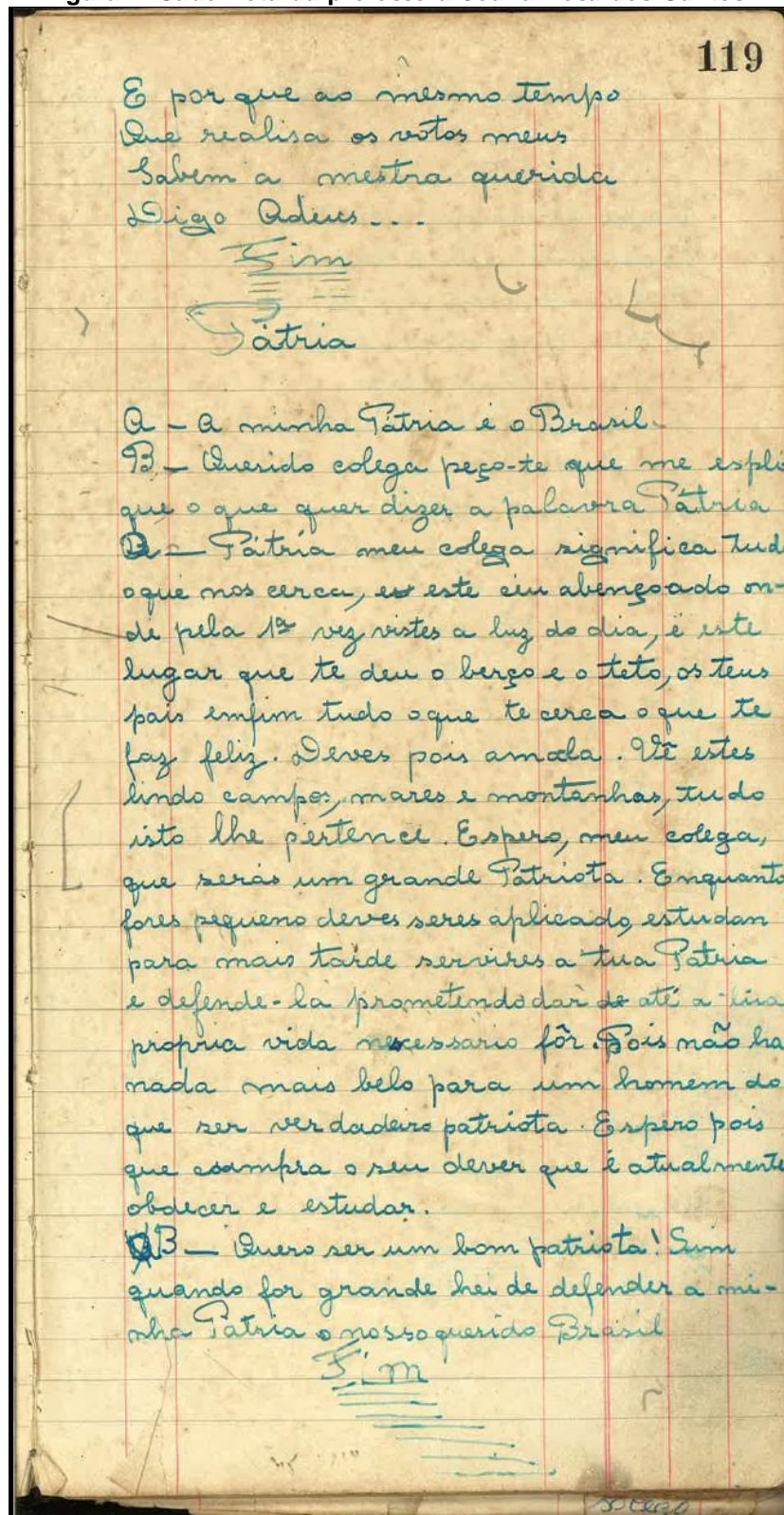
As composições intituladas “A Bandeira” e “Pátria”, abaixo, realçam a habilidade da professora Joana como compositora.

Figura 6: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo da particular da família.

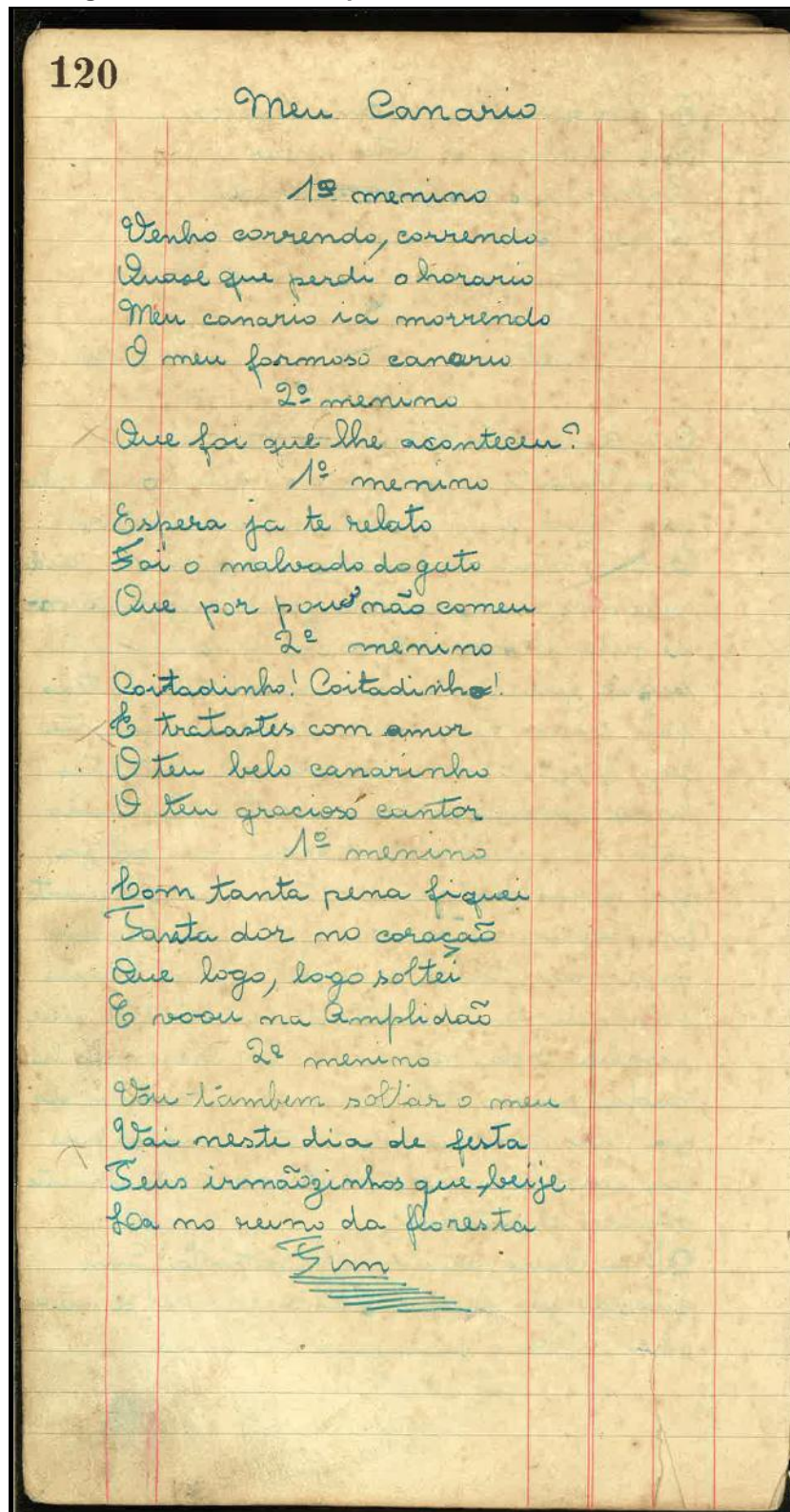
Figura 7: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo da particular da família.

Podemos observar mais uma compilação de mais uma peça teatral da professora Joana Rosa dos Santos, intitulada "Meu Canário".

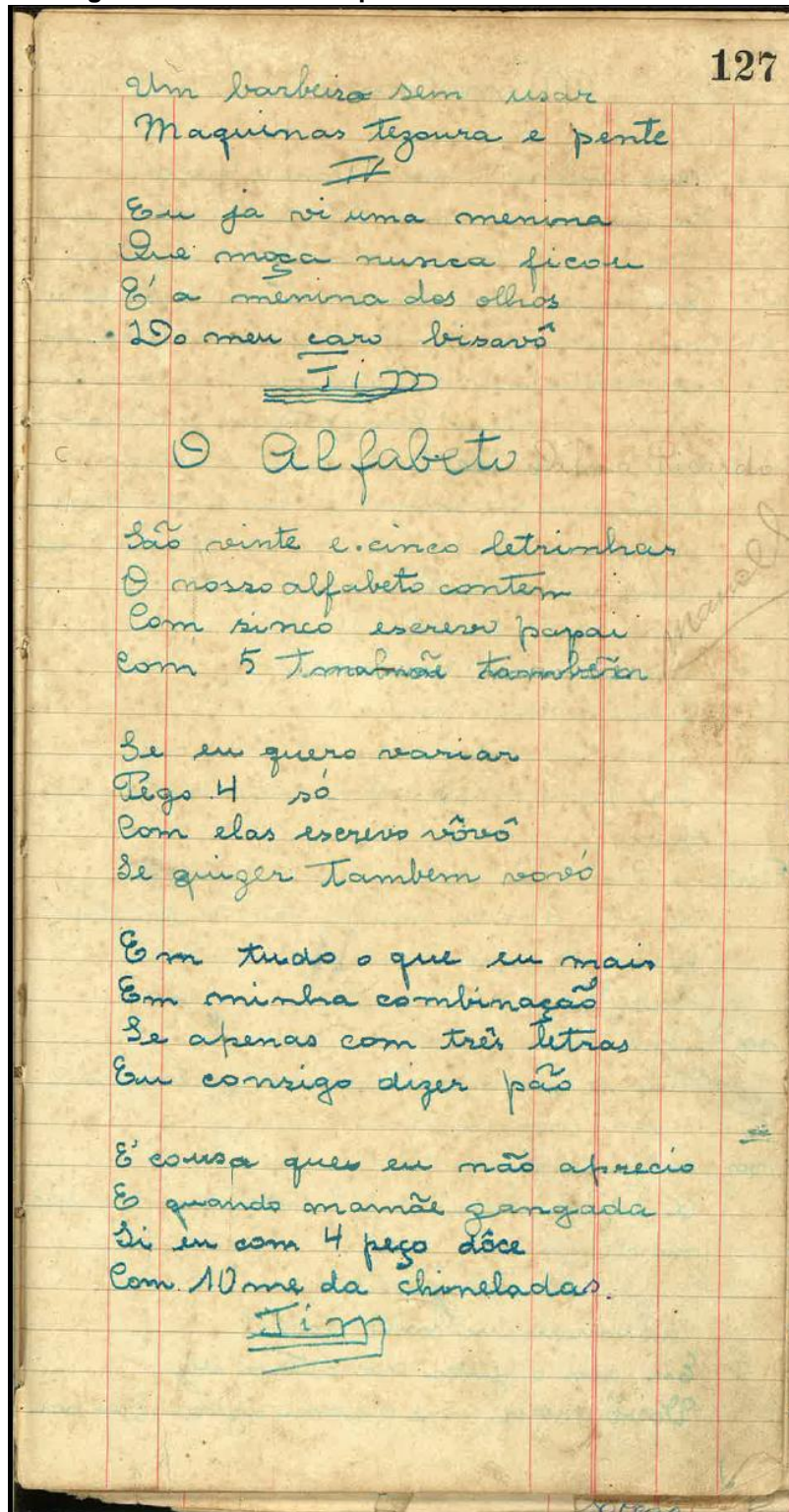
Figura 8: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo da particular da família.

Percebemos abaixo, a forma lúdica da professora Joana Rosa dos Santos ao ensinar o Alfabeto, em forma de canção, provavelmente facilitava a fixação da aprendizagem.

Figura 9: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.

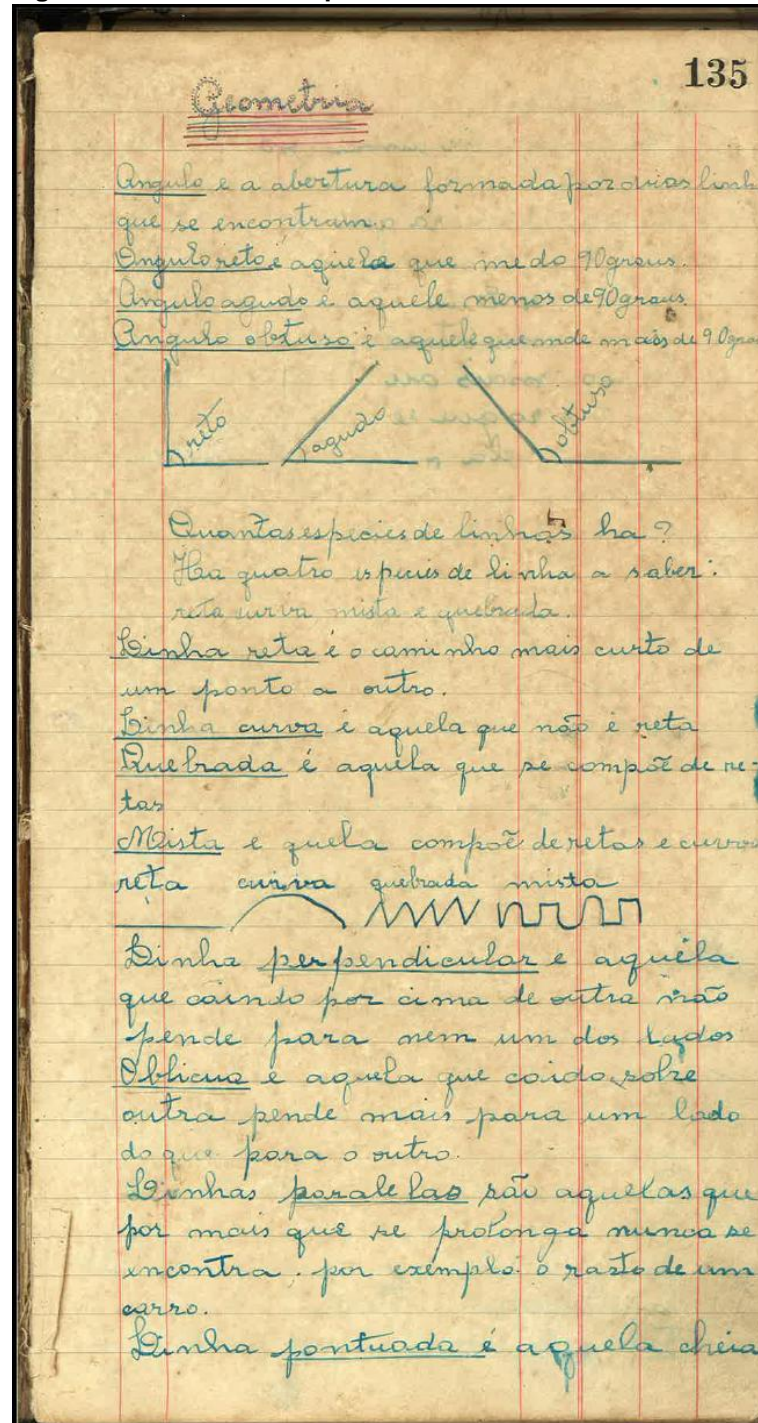


Fonte: Acervo da particular da família.

Podemos perceber que nos ensinamentos matemáticos a professora utilizava-se de uma linguagem simples para ensinar geometria, frações, possibilitando aos educandos um conhecimento rico, independente de possuírem livros ou não.

O conhecimento transmitido pela professora Joana Rosa dos Santos era envolvente.

Figura 10: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo particular da família.

Figura 11: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.

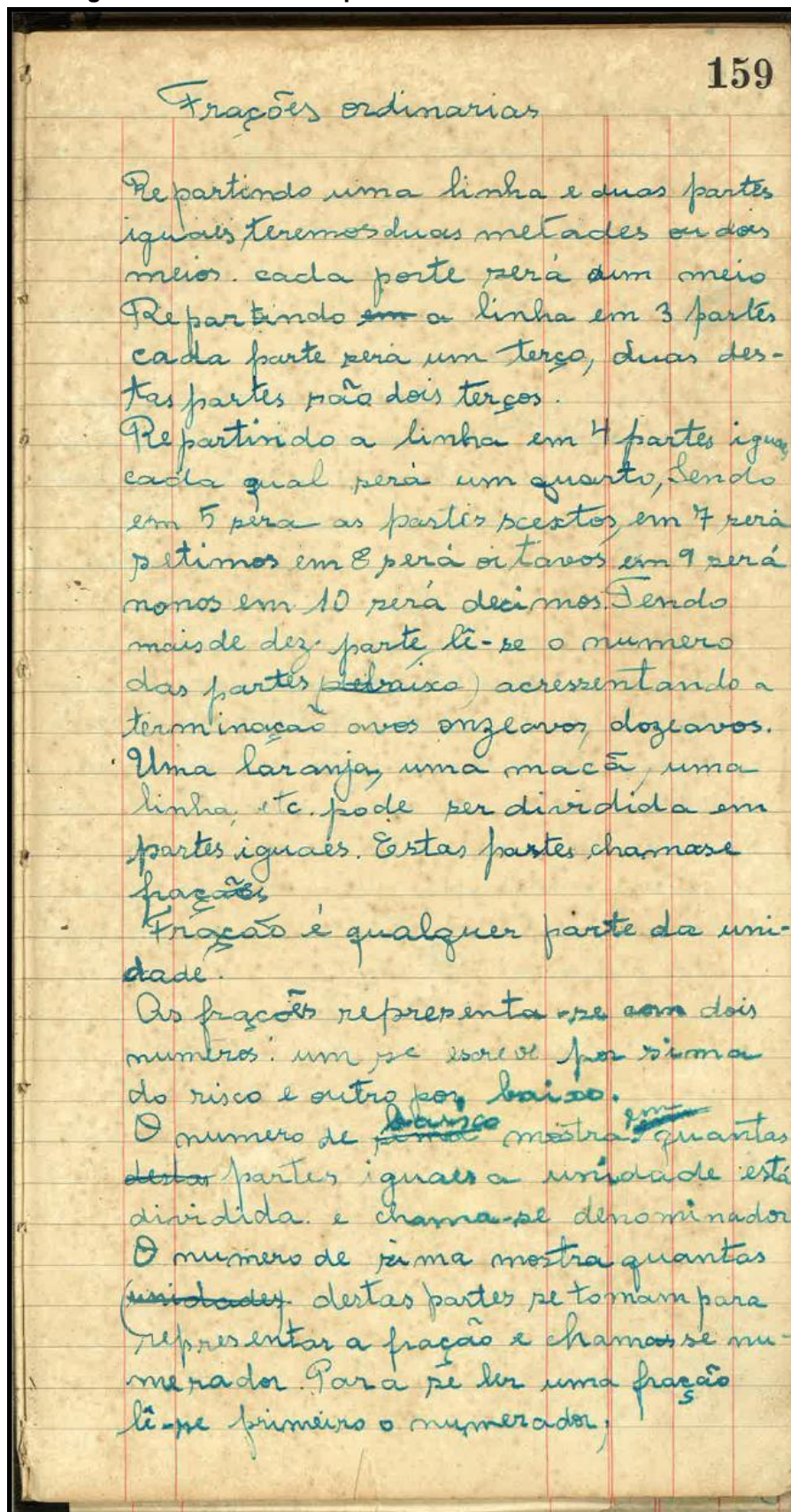
139

Formulas

 $S = L^2$ $L = \sqrt{S}$	 $S = \frac{D+d}{2}$	 $S = \frac{B+b+a}{2}$	 $S = B \times A$ $B = \frac{S}{A}$ $A = \frac{S}{B}$
 Circunferencia $S = \frac{C \times R}{2}$ $S = R^2 \times \pi$ $S = D \times 0,7854$ $R = \frac{\text{Varia}}{\pi}$	 $S = \frac{B \times A}{2}$	 $S = B \times A$ $B = \frac{S}{A}$ $A = \frac{S}{B}$	

3,1416	2
14	62832
14	
0,16	

Figura 12: Caderneta da professora Joana Rosa dos Santos.



Fonte: Acervo particular da família.



### 3.1.1 Lembranças dos filhos

Na entrevista concedida pela filha mais velha dentre as mulheres, chamada Maria José, pergunto qual a lembrança que esta tem da Joana Rosa dos Santos, como mãe, também conhecida como “Noca”:

Minha mãe sempre foi uma mãe carinhosa embora fosse muito doente era uma mãe presente, minha mãe gritava de dor, nós ia tudo pra cima dela gritando junto e chorava todos com a doença dela, os vizinhos vinham tudo, mas ela não dizia pra nós qual era a doença. A casa da mamãe era sempre cheia de gente, tanto para visitar, tanto para pedir para ela matar a fome deles, para aconselhar, ela tinha uma cadeira na rua onde as pessoas sentavam na rua e ficavam esperando para conversar com ela, muitas das vezes a conversa que tinham com elas demorava muito, as pessoas estavam se brigando marido e mulher, moça que brigava com namorado, moça que fugia com namorado e não tinha nada pra comer.

Para Le Goff<sup>59</sup> a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.

Percebemos na fala da Maria José o que para Le Goff é a busca de uma reminiscência, onde ao falar da mãe vêm recordações de situações vividas não somente por ela mas principalmente com a mãe.

Diante da pergunta sobre lembranças da casa, Maria José diz o seguinte:

Uma casa velha pequena de madeira onde funcionava a escola, casa e escola dividiam o mesmo espaço, tinha uma empregada branca por nome Maria que estudava e trabalha para a mamãe, onde a mãe dividia o pouco que tinha com aqueles que não tinham os pais da empregada eram muito pobres, muitas vezes a mãe dizia meus filhos comam menos porque temos que dividir. O pai era pescador e dizia o pai vai pescar e a noitinha vai ter peixe. A mãe distribuía peixes para os pais dos alunos que eram muito pobres.

O relato acerca da generosidade da mãe traz para Maria José lembranças muito fortes, pois ela chega a afirmar que a mãe ajudou muitos brancos, embora a mãe fosse muito doente. Ela, por conta da sua formação, atuava como uma espécie de uma “prefeita” (termo nosso).

Para Bosi<sup>60</sup>, uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia.

<sup>59</sup> LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 469.

<sup>60</sup> BOSI, Ecléa., op. cit. p. 81.

A reflexão do historiador em saber diferenciar e direcionar as lembranças fará as lapidações necessárias as memórias.

Ao perguntar sobre a condição da mãe como negra, ao ouvir relatos dos pais como escravos, Maria José diz que a mãe Joana chorava com o que ouvia das condições dos negros nos troncos, nas lavouras.

Dizia que a mãe lutava contra essa injustiça, e portanto casou com um branco, pois dizia que não iria casar com negro, porque os mesmos eram muitos judiados e finalmente acabou casando com um branco, seu pai, por nome Antonio José dos Santos.

Bosi vai afirmar que:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos, de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.<sup>61</sup>

A lembrança é aguçada mediante as lembranças a ela submetidas conquanto, torna-se seletiva na proporção de sua importância.

Pergunto por que Joana Rosa dos Santos foi estudar ao que Maria José relata:

Os pais dela incentivaram, o pai e a mãe disseram dois deles iam ficar trabalhando com eles os outros iam estudar só dois homens não estudaram, os outros foram estudar os meus tios, tia Ana, tio Bepe, tio Nô, a tia Dica, tia Alvínia, tio Deocliso, acho que eram seis. Minha mãe dizia que estudou em Tubarão. Minha mãe morreu com 46 anos, no dia que ela morreu eu estava fazendo treze anos e no dia que ela se enterrou minha irmã caçula estava fazendo nove anos, estou com 64 anos tem hora que agente esquece um pouco. Eu fiquei com todos, as pessoas vinham pedir os filhos da "Noca" todos vinham na porta pedir os filhos da "Noca", os brancos vinham pedir achando que o pai não ia dar conta, o papai não deu nenhum ele cuidou de todos deu educação. Eu acho que ela sabia que ia morrer porque ela me ensinou tudo, me ensinou a cozinhar, a lavar roupa, a costurar, quando ela morreu eu era uma dona de casa, cuidei do papai, cuidei dos irmãos, limpava peixe, subia numa gamela para lavar louça.

<sup>61</sup> BOSI, Ecléa., op. cit., p. 55.

Segundo Bosi a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.<sup>62</sup>

O que podemos deduzir na fala de Maria José e concluir com Bosi é que a memória é seletiva e muitas das vezes processa o que entende como mais importante, por exemplo, as lembranças da fala dos avôs.

Pergunto: você tem lembranças de racismo ou discriminação sofrida pela mãe como professora?

A mamãe contava e chorava que quando ela chegou da festa de São Sebastião, que quando ela chegou para fazer mamadeira para meu irmão Dé mais velho do que eu um ano, não tinha leite, não tinha açúcar, eles tinham colocado fogo na casa por racismo que também era a escola na Pedreira em Sanga Funda, tinha pais que não deixavam os filhos irem a escola porque os filhos não iam estudar com uma negra. Lá sim ela sofreu racismo, ela mudou para o Rincão e aqui ela superou aqui ela colheu tudo que não colheu em Sanga Funda os brancos aqui foi acolhedor.

Bosi<sup>63</sup> afirma que cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história.

Na fala de Maria José observa-se que as lembranças dela na Praia do Rincão, em comparação a Sanga Funda – onde ela não viveu, mas através da mãe toma conhecimento –, marcaram a sua lembrança na história de sua mãe.

Quando ela afirma que a mãe colheu tudo que não havia colhido em Sanga Funda está remetendo à valorização que a mãe obteve em detrimento ao preterimento sofrido lá.

Pergunto como era a professora em sala de aula; Maria José responde:

Ela falava baixinho quem passasse na sala de aula dela dizia que não tinha ninguém ela não gritava ela falava baixinho ela falava tipo sussurrando, e quem queria estudar tinha que prestar atenção era assim era assado. na sala de aula não havia separação, negros e brancos conviviam juntos, os negros em sala de aula eram os filhos da professora Joana “Noca”, jamais houve rejeição tinha várias raças brasileiros e italianos, tinha italiano que vieram de outros lugares que falavam assim... não havia discriminação eram como irmãos, as pessoas mais velhas tínhamos como filhos, não negocio de separação de cor. Ninguém sabia ler ela ensinou nós todos ela nos alfabetizou ela foi a primeira professora na Praia.

Na fala da filha da professora aparece um elemento curioso: o da não discriminação. Embora apenas os filhos da professora fossem negros, talvez esse

<sup>62</sup> BOSI, Ecléa, op. cit.

<sup>63</sup> Idem.

fato tenha se dado por causa do marido que era branco, rompendo assim com o estigma de que negro deveria casar com negro.

Continuo minha entrevista perguntando se haviam festas na escola. Maria José relata da seguinte maneira:

Sim, tinha ela tinha que fazer as crianças felizes, ela tinha a que pertencia a “Cresciúma” o senhor Hercílio Amante ela pedia, ele era o prefeito de Criciúma, ela pedia ela não tinha vergonha de pedir, e ela ia pegando o nome de todas as crianças, de todo mundo, quando chegava o natal chegava aquele caminhão de caçamba cheio de brinquedo “Jesus” ninguém esperava aquilo era uma festa ela fazia, tanto para as crianças como para os adultos, tinha baile pros adultos, tinha festa para as crianças, que ela pedia pro seu Amante, ele trazia pras crianças ele arranjava com os políticos, eles mesmos vinham as festas na praia do Rincão porque a “Noca” estava fazendo um drama, um teatro, um baile as festas da “Noca” eram cheias.

Para Bosi<sup>64</sup>, se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar. Percebemos no relato de Maria José que a professora Joana atuava como professora em sala de aula mas também tinha uma função social junto às crianças e seus pais.

Essa dupla função se dava pelo hiato existente entre a população e as autoridades governamentais da época, isso se deixa transparecer pelo relato abaixo:

Ela liderava tudo, tudo dependia dela, até se uma pessoa fosse casar tinha que depende dela, porque ela tinha que aconselhar, a pessoa tinha que saber isso saber aquilo, aonde ir para fazer os documentos. Não havia merenda na escola, quando as crianças não levavam merenda comia na casa da professora “Noca”, o que tivesse repartia, ela matava a fome das crianças peixe com farinha, leite com farinha, se não tivesse pão, comia até farinha com açúcar, o começo foi muito pobre muito difícil, mais a mãe nunca se queixava por ser professora. Os pescadores pescavam e não tinham pra quem vender os peixes, os pescadores não tinham como comprar o arroz, o açúcar, não tinham, aí o que ela fazia! Os pescadores iam pescar nós tínhamos uma carrocinha com um cavalinho ela botava cedinho os peixes na carroça e saia daqui da praia do Rincão, ia até a terceira linha, vender ou trocar por açúcar ainda que seja açúcar grosso, farinha, alface, por feijão porque ela sabia que os italianos tinham plantas, tinham sitio, onde hoje é chamado de São Rafael, onde ela se criou.

Para Bosi<sup>65</sup> cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora.

---

<sup>64</sup> BOSI, op. cit., p. 54.

<sup>65</sup> Idem, p. 81.

A memória como função social desempenha uma grande função da lembrança, selecionando as imagens de cunho social.

Quando a filha descreve a mãe assumindo papel social, socorrendo os pais dos alunos, solucionando problemas da sociedade em que está inserida, denota o poder de abarcar imagens seletas.

Em entrevista com o outro filho, de nome Edison José dos Santos, apelidado de “Soco”, acerca das lembranças da mãe ele diz:

Lembro bem quando agente saia ela perguntava pelos filhos onde está Maria José, José Geraldo, Maria Luiza, Maria Leia e o Edison?  
 Que as pessoas as chamavam de “nega Noca”  
 O apelido Noca veio da terceira linha onde a mãe teve a infância.  
 O avô chamado de “nego Chico” também conhecido como “Chico grande” meu avô deveria medir uns dois metros e quinze e era metido a amansar cavalos xucros e a avó “nega Ciana”. A mãe cuidava da família dela e da família dos outros, hoje vem a matéria tudo separado mais naquela época, ela ensinava a juntar as palavras, tudo junto do primeiro ao quinto ano, dava aula de manhã e de tarde, tinha criança de varias idades, fazia separação de primeira a quinta serie, quando adoecia o meu pai substituía, minha mãe era doente da família do “derrame” morreu com 46 anos. Minha mãe veio de Sanga Funda e lecionou aqui na praia Lagoa dos Esteves e nos Coqueiros. A minha mãe o que ela podia fazer ela fazia o que não podia ela tentava fazer. A mãe era muito religiosa, botava os adultos a funcionar.

O que se deduz com a fala do filho por nome Edson e de que a mãe era cuidadosa com os filhos, procurava os manter unidos sem distinção e que a mãe recebera um apelido na infância e que lhe acompanhou até a morte. Conseqüentemente, em sua homenagem o Mirante recebeu o nome de professora Noca.

Para Le Goff<sup>66</sup> a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas.

Observa-se, segundo Le Goff, que a memória como proprietária tem a capacidade de absorção, mas também o tem a do descarte. O senhor Edison deixa transparecer isso em sua entrevista, muitos detalhes são seletivos, outros são obscurecidos.

Entrevistando o outro filho, por nome José Geraldo dos Santos, pergunto qual a lembrança que este tem da professora Joana como mãe.

José Geraldo dos Santos responde assim:

---

<sup>66</sup> LE GOFF, Jaques, op. cit., p. 419.

Ora gente como posso falar como mãe como é falar de uma mãe, como ela era professora ele tinha pouco tempo pra gente, porque sempre tinha gente cuidando da gente. Nós morávamos dentro da escola, uma escola medindo oito por oito, em Sanga Funda município de Criciúma, não era dois ambientes era um ambiente só. Ela se queixava de ser professora, tinha muitas dificuldades atrasava muito o pagamento, não sei se era por causa do transporte porque era dinheiro vivo. Ela fez outros cursos mais eu não sei quais, minha mãe se aposentou com tempo de serviço, ela era doente queria continuar mais não tinha saúde, não tinha tratamento que se tem hoje não tinha muito recurso. Ela no momento de fraqueza disse que não queria que nós fossemos professor, queria que fossemos datilógrafos ela achava bonito, talvez quando ela ia a prefeitura. Dizia que o professor passa muito trabalho, talvez fosse por conta do não reconhecimento. Ela aprendeu de tudo aprendeu a fazer de tudo, fazer bolo, costurar, a fazer teatro, a cantar, a cuidar da saúde. Igual a professora Joana não existe, ela era muito atirada na comunidade. Por isso ela deixava os filhos aos cuidados dos outros.

Para Bosi<sup>67</sup>, a força da evocação pode depender do grau de interação que envolve: eventos de repercussão restrita diferem, em sua memorização, dos que foram revividos por um grupo a fio.

José Geraldo dos Santos afirma que a professora Joana dividia o tempo em ser professora e ser mãe ou vice-versa, por conta disso tinha menos tempo para com os filhos que eram no total de cinco.

A múltipla função que a professora exercia em cuidar da casa, da família e também auxiliar na comunidade, fez de Joana um ícone nesse balneário, como a primeira professora negra, rompendo assim barreiras antes vista como intransponível.

O filho relatou ainda que,

A mãe dava aula por vocação e isso sugou muito sua saúde, a mãe teve muito pouco tempo, agente se dividiu muito com as pessoas, ela gostava de fazer baile nas casas, um tipo de inauguração, a renda era revertida parte para o dono, parte para a escola, tinha pessoas que já fazia a casa e deixava o espaço antes da divisão, para realização do baile, tinha pouca gente mais dava um baile. Já existiram pessoas que morou com a gente e não esquece, as pessoas que viam ao Rincão não iam embora sem passar em casa da mamãe, ela alugava maiô, alugava calção para as pessoas tomar banho, calção para jogar futebol, as vezes além de não pagar ainda levavam embora.

Segundo Bosi<sup>68</sup> as lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória, ao mesmo tempo uma e diferenciada.

<sup>67</sup> BOSI, Ecléa., op. cit., p. 419.

<sup>68</sup> Idem, p. 423.

Em consonância com Bosi, é perceptível que nos depoimentos dos filhos, que fazem parte do mesmo grupo doméstico, as lembranças diferem umas das outras: uma sinopse incrível. Umas com mais riquezas de detalhes do que as outras, embora estejam narrando acerca do mesmo assunto.

## 7 CONCLUSÃO

O referido trabalho apontou particularidade do (da) negro (a), da sua luta, da sua mobilização, da sua contribuição na formação do Brasil, destacando que embora negado, vituperado, explorado e execrado, o (a) negro (a), não esmoreceu.

As memórias da professora Joana Rosa dos Santos pretendem, porém sem a pretensão de ser uma pesquisa acabada, contribuir para a historiografia catarinense, tão parca acerca desse tema tão caro.

A pesquisa apontou a contribuição e visibilidade de uma educadora negra em meio à obscuridade imposta pela elite dominante e engendradora. A educadora em questão desvencilha-se do estereótipo, que negra deveria ser doméstica. Sendo assim, tornar-se professora era galgar uma posição social ainda que em um percentual pequeno, porém suficiente para alcançar visibilidade.

Como formadora de opinião essa professora, pode perpassar, formar, reformar e conformar com e através dos seus alunos.

Sabedora das dificuldades e vivenciando-as, a professora Joana Rosa dos Santos, não se deixou levar pelas circunstâncias, denotando ser uma profissional além do seu tempo, buscando sempre a atualização através da leitura de livros e jornais, que podem ser comprovados pela caderneta utilizada como fonte documental.

Passados apenas meio século da abolição da escravatura, como constituir-se mulher negra e professora no sul de Santa Catarina na década de 1940? Constituir-se professora negra na década de 1940, foi anteriormente um incentivo dos pais, que por terem vivenciado a escravidão, a despeito deles, viam na educação dos filhos negros uma porta de entrada de ascensão junto à sociedade.

A educação poderia proporcionar, não só a visibilidade, mas a possibilidade de continuar a lutar por melhores condições de igualdade.

Concomitante a educadora foi moldando e se moldando inserida no prazer de lecionar. Não lecionava por lecionar, mas lecionava movida pelo prazer de transmitir conhecimento, a sua caderneta pessoal deixa transparecer isso pela riqueza de escritos nela contida.

Recomendo aos historiadores aprofundar as pesquisas acerca da biografia, principalmente tratando-se dos aspectos relacionados à luta e visibilidade da professora em questão.



## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005**. Brasília: INEP, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2000. Disponível em: <[www.ibge.org.br](http://www.ibge.org.br)>. Acesso em: 04 de nov. 2013.

KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau: Reflexões sobre a presença feminina no movimento negro em Criciúma (1970-1985)**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2011.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Ilka Boaventura (Org.). **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporânea, 1996.

LOUREIRO, Stefânie Arca Guarrido. **Identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora O Lutador, 2004.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NASCIMENTO, Abdias do. **Combate ao racismo: discursos e projetos**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1983.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. A Revolta da Chibata e seu Centenário. **Perseu**, n. 5, Ano 4, p. 10-41, 2010.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Sammus, 2003.

RASCKE, Karla Leandro Mestranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 1993.

ROSA, Kelly Cristina Fernandes da. **Enedina Alano da Rosa: a identidade da mulher negra. Educadora no Sul do Brasil.** 2009. Dissertação (Mestrado) Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. 2009.

SCHIMIDT, Mario Furley. **Nova História crítica: ensino médio: volume único.** São Paulo: Nova Geração, 2005.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil hoje.** São Paulo: Moderna, 1987.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça novas perspectivas antropológicas. In: \_\_\_\_\_. **Cor e raça e outros conceitos analíticos.** 2. ed. rev. Salvador: ABA EDUFBA, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 44.

#### **Entrevista concedidas a Carlos Roberto dos Santos:**

Edison Santos. Entrevista realizada em outubro de 2013.

José Geraldo. Entrevista realizada em outubro de 2013.

Maria José. Entrevista realizada em outubro 2013.

**ANEXOS**

**Túmulo onde está sepultada a professora Joana Rosa dos Santos. Imagem com as duas filhas e bisneta.**



**Fonte: Do autor.**

**Imagem do local de infância da professora Joana Rosa dos Santos.**



**Fonte: Do autor.**

**Imagem da Igreja São Rafael reformada, onde a professora frequentou.**



**Fonte: Do autor.**

**Imagem da Igreja São Rafael reformada, onde a professora frequentou.**



**Fonte: Do autor.**

**Imagem da Igreja São Rafael reformada, onde a professora frequentou.**



**Fonte: Do autor.**

**Escola onde a professora Joana Rosa dos Santos lecionou.**



**Fonte: Do autor.**

**Escola onde a professora Joana Rosa dos Santos lecionou.**



**Fonte: Do autor.**

**Escola onde a professora Joana Rosa dos Santos lecionou.**



**Fonte: Do autor.**

**Escola onde a professora Joana Rosa dos Santos lecionou.**



**Fonte: Do autor.**

**Mirante que leva o seu nome, onde abrigou a Câmara dos Vereadores – Balneário Rincão.**



**Fonte: Do autor.**



**Mirante que leva o seu nome, onde abrigou a Câmara dos Vereadores – Balneário Rincão.**



**Fonte: Do autor.**

**Mirante que leva o seu nome, onde abrigou a Câmara dos Vereadores – Balneário Rincão.**



**Fonte: Do autor.**